

# O MOMENTO feminino

SEXTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 1947

Cr\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 8

UM JORNAL PARA O SEU LAR



Assim caminham êles na vida. Sonham com um lar feliz. E lutam para obtê-lo numa cidade sem casas, sem água, sem transportes. Mas não se mata o lirismo da vida. Unidos assim, conquistam o direito de viver. (DESENHO DE PERCY DEANE)

# Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

**Uma cena de horror e de sofrimento ocorreu esta semana atingindo a vida do povo carioca: o impressionante acontecimento do dia 7. Duas barcas se encontraram no meio da baía Guanabara num tremendo choque fatídico.**

Já é a segunda vez que esse fato ocorre, em desigualdade de condições, mas sempre pela mesma causa fundamental: falta de transporte pronto e seguro entre a cidade vizinha e esta capital.

Durante a semana são os moradores de Niterói que trabalham no Distrito Federal ou vice-versa, que se aglomeram nas antiquíssimas barcas da Cantareira ou nas inseguras lanchas da Frota Carioca e vão enfrentando os perigos das embarcações, entregues muitas vezes às porfias e às picuinhas dos pilotos rivais.

Aos domingos são as visitas aos parentes e amigos que levam as famílias ao Estado vizinho.

No dia 7 de setembro, aproveitando a data e a beleza da manhã ensolarada muitas pessoas foram a Niterói e outras vieram assistir à parada da Independência. Num dos vauzes de embarcações, já às 20,45 horas, ao aproximar-se a lancha "Peruana" da Ponta do Calabouço, completamente lotada, sofreu um vigoroso choque da barca "Icarai", que deixara o cais da Cantareira à mesma hora em que a "Peruana" desatracara do cais Pharoux.

O resultado desse encontro desigual, já todos o sabem. Famílias inteiras desapareceram, senhoras idosas, jovens e crianças morreram, vítimas da colisão. Inúmeros feridos ainda se encontram nos hospitais. Mães no afan de salvar seus filhos morreram abraçadas aos mesmos. Corpos desaparecidos e cadáveres não identificados, eis o quadro de desgraça que vivemos nesse sinistro.

Como da primeira ocorrência, desta também diziam que as empresas sofreriam uma

baixa de lucros. Ninguém mais as utilizaria pois, numa irresponsabilidade dessa natureza, fazem da vida do povo o centro de apostas de marcha ou de vingança entre os mestres, além da fonte de rendas exorbitantes. Entretanto, no dia seguinte, as filas endurecem de gente que volta a arriscar sua própria vida, sujeitando-se aos caprichos das empresas.

Que fazer? A Municipalidade não toma providências frente ao angustioso problema de transporte. Em terra, a crise se agrava dia a dia. São constantes os desastres de trens, choque de veículos e atropelos de transeuntes. Já não se sabe como atravessar uma rua, pois nem mesmo ao espaço do centro se tem direito. Os carros já passam em fileiras de cinco. No mar são desastres das embarcações.

E' o desrespeito às necessidades do povo e a falta de zelo pela sua vida.

A Cantareira não admite conforto aos passageiros nem rigorosa fiscalização. Quando entende de aumentar as passagens, o faz impiedosamente. As barcas são velhas, sujas, lentas, sem horário exato, apenas lucrativas para a empresa. Faz nojo viajar nelas, pelo mal cheiro de tanta sujeira entre os bancos duros de pau. Assim mesmo vivem apinhadas. Uma multidão viajando em pé, acotovelando-se, pois o número de barcas não dá vasão à população que diariamente atravessa a baía.

As lanchas da Frota Carioca não ficam atrás. Conquanto mais novata na exploração de transporte, essa empresa não oferece nenhum conforto. As lanchas correm mais e justamente por isso cobra-se a passagem mais cara. São apertadíssimas, baixas, fechadas e de pequena capacidade. Resultado é que o pessoal se sujeita a viajar do lado de fora, com os pés apoiados num palmo de balaustrada.

E' nessas precárias condições que nossa gente corta diariamente as águas da Guana-

bara, arriscando a vida, na luta pelo pão.

Chamemos a atenção dos poderes públicos que já é tempo de zelarem pelo bem-estar do nosso povo. E' preciso acabar com essa história de empresas de transportes enriquecerem à custa da vida de nossa gente.

A verdade é que em nenhum país que venceu a guerra o povo está tão desprezado pelo poder público como o nosso.

Urge mudar de atitude e não procurar justificar os casos pela força da fatalidade.

Melhor fiscalização nos serviços das barcas se impõe, bem como a encampação das empresas por parte da municipalidade. A exploração por particulares é sempre perigosa e prejudicial, pois o melhor que fazem, frente a calamidades idênticas a de domingo, é uma nota formalística pela imprensa, isentando a empresa das responsabilidades.

O povo nas ruas vive clamando por melhores transportes. E os senhores governantes precisam sentir que o descontentamento cresce dia a dia pela não solução dos magnos problemas do povo. Isso constitui um perigo permanente e uma situação absolutamente injusta.

As mulheres organizadas devem lutar por transporte seguro, para que não mais se repita uma cena tão dolorosa igual a essa do dia 7 de setembro.

Sentindo a mesma dor das famílias enlutadas, dos lares que se deslizeram, exigimos dos poderes públicos rigoroso inquérito para apurar responsabilidades e rigorosa vistoria no material dessas embarcações.

O governo não pode continuar indiferente aos acidentes, às catastrofes que veem se sucedendo incessantemente em terra e no mar, sem se comover e sem tomar medidas justas.

Urge maior respeito à vida humana.

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Num relatório de Jeannette Vermerrech sobre a situação das mulheres na França, vemos que ali existem: 350.000 operárias agrícolas em 1.350.000 trabalhadores do campo.

Em 165.000 operários têxteis no Norte, 128.000 são mulheres. 1.116.329 mulheres trabalham no Sena, sendo 309.400 bancárias, 424.575 em várias indústrias e 219.000 domésticas. Há ainda 40.196 mulheres estudantes.

Diante desses números tão altos compreende-se porque, naquele país o movimento feminino é tão intenso, tão vivo e tão ágil. A mulher francesa participa, em quantidade e em qualidade da reconstrução democrática de sua pátria.

Desde 1789 luta a mulher francesa para defender o pão de seus filhos e a

liberdade de seu povo. Em 1789 tomou parte na Comuna de Paris, em 1891 as operárias tecelãs foram atacadas pela polícia e muitas tombaram. Em 1917 as costureiras de Paris faziam greve contra os fuzilamentos de soldados. Em 1936 seu auxílio e sua participação foi um grande sustentáculo a luta de libertação contra o invasor fascista.

Hoje essas mulheres se unem para lutar pela paz, pelo cumprimento e realização dos princípios democráticos pelos quais sempre lutaram.

Só na França. Não. No mundo todo as mulheres se organizam e lutam. Assim o movimento Neerlandês de Mulheres declara que "seu caráter é anti-fascista; sua

finalidade interessar as mulheres neerlandesas em seu papel de cidadãs, desenvolver-lhes o sentido de responsabilidade para edificação de uma sociedade harmoniosa; defender os direitos jurídicos, econômicos e sociais da mulher, fortalecer a cooperação nacional e internacional entre as mulheres, tudo fazer para prevenir o perigo de uma nova guerra e defender a Paz.

O movimento das mulheres na Holanda e Países Baixos conta com 6.000 mulheres pertencentes a várias correntes políticas e diferentes convicções religiosas.

Entre as resoluções tomadas pelas mulheres argentinas na Conferência Nacional realizada em fins de julho encontramos, além do combate à carestia de vida, o

problema da moradia, a conquista do voto e a contribuição da mulher ao desenvolvimento progressista e democrático da Pátria e da Paz universal, a criação de maternidades e hospitais para crianças, creches, escolas rurais, auxílio à parturiente, ensino especial às crianças anormais. Muitas e muitas resoluções de caráter prático e imediato foram tomadas por essa Conferência que reuniu 250 delegados.

As mulheres argentinas solidarizaram-se com as mulheres do mundo em defesa da Democracia através de uma saudação à Federação Democrática Internacional de Mulheres.

A primeira vitória foi obtida. Os jornais já anunciam que acaba de ser aprovado pelo Parlamento o direito do voto à mulher argentina.

No Brasil morrem 2.040 crianças por dia.



De cada tuberculoso que morre, de duas em duas horas, é um moço ou moça de 20 a 30 anos.

No Distrito Federal há 400.000 pessoas que morrem nas favelas.

# BENTINHO

MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE

Coitado, era um infeliz. Nasceu mesmo sem nome e nada lhe corria bem. Quando chegou — presente do tio avô —, tinha o jeitinho triste, penas de uma amarelado queimado, mas ninguém podia supor até onde estaria ele fatalmente dirigido ao sofrimento. Os meninos ficaram doidos, e se disputavam, diante da gaiola, o privilégio de enfiar o dedo por entre as grades e tocar a penuginha doce. O canarinho era esquivo e desconsolado, não apreciou muito a exuberância das crianças — garotos de cidade, vivendo na estufa, habituados unicamente à natureza frustrada do asfalto, essas pobres amendoeirinhas em fila indiana, tão sem viço: um bichinho de verdade era maravilhoso. Mexia-se, piscando cheio, de malícia, e sobretudo — a este espetáculo admirável até o pai, nos primeiros dias, compareceu, subrepticamente — comia com a maior distinção. Endireitava-se, espiando em torno e, se a assistência não lhe parecia indiscreta, esticava o bico fininho e selecionava delicadamente um grão de mistura. Ligeiro, por meio de um estalo seco, retirava-lhe a casca, que era posta de lado, e engolia o miolo; sem descanso recomeçava. Os meninos queriam saber quantos grãos Bentinho ingeria por minuto, mas a operação era rápida, não permitindo conclusões definitivas.

O banho, também, constituía outra cerimônia importante. A banheira fora subtraída ao aparelho de café de todo o dia, branca e um friso azul-rei; quando a mãe descobriu já era tarde, e o próprio pai tomou o partido das crianças, protestando em nome do "bem-estar do coitadinho, tão sem liberdade lá dentro da gaiola" (todos se enterneciam, embora ninguém falasse em soltá-lo; tratava-se de um brinquedo engraçado demais, impossível de perder-se, e nem a menina menor, de coração de anjo, cogitou disso). Pela manhã e à tarde, mudava-se a água, porque o pássaro tinha o mau costume de sujá-la sempre; os meninos achavam uma gracinha aquelas pequenas roscas, de material indeciso, depositadas no fundo da xícara. O canário vinha chegando, meio desconfiado, com medo do frio e, de repente, numa resolução brusca, entrava na banheira. Então era uma delícia: ele se derramava, satisfeito, aspergindo água por todo canto, numa irresponsabilidade... Eram estes os únicos momentos em que a família o via mais faceiro. Porque, quanto ao mais, tinha o temperamento aberto à melancolia, encarando com indiferença as pessoas que o contemplavam ansiosas, à espera de algum sinal — mínimo que fosse — de retribuição; o pássaro era impenetrável, e não o comoviam as ternurinhas das crianças ou os assobios que o pai ensaiava, canhestramente, toda vez que se julgava sem testemunhas. Sempre os mesmos pulos diários, grão de alpiste descascados com elegância, sua pequena higiene particular. O resto, as coisas do lado de fora, talvez fossem muito esquisitas: quem poderá jamais penetrar o pensamento de um canário belga? Para a sua depurada fragilidade, o mundo seria possivelmente monstruoso.

Cantava pouco. Em geral depois do almoço, quando a menina maior ia para o piano, Bentinho gostava de acompanhá-la, em trinados quase desgraciosos, mas bebidos pela família com amor e muita perplexidade. A menina, que detestava estudar, tomou novo interesse pela música, e repetia com entusiasmo as escalas, antes mecânicas e sem beleza e agora envoltas num feitiço novo, tão meigo, que era o sopro melodioso da ave. Depois a mãe descobriu que a máquina de costura também exercia sobre ele o mesmo efeito revigorante, e costurou com

desatenção, porque estava toda voltada para a gaiola. Um dos garotos, o que ficava sempre sentado no chão espiando as correntes da máquina girarem, achou que o passarinho queria apostar corrida com os pés da mãe e a partir daí, adotou-se a expressão para significar que o canário estava cantando: "Papai, vem ver Bentinho apostando corrida". Ou: "Bentinho anda desanimado, há tanto tempo que não aposta..."

A primeira desgraça ocorreu pela manhã e deixou a família tão abalada, que o menino menor teve febre à noite e o pai voltou mais cedo do trabalho, com dor de cabeça. Chovia; e ao entrar na sala para fechar a janela,



a mãe encontrou a gaiola meio partida, ao chão. Quebrou-se o bebedouro e os grãos esparramaram-se, só a banheira ficou intacta, seca, com as sujeirinhas lá no fundo. O canário era um trapo morto, morno, bambô. Os meninos choravam, sem rumo, e o pai estava muito nervoso. Foi a mãe que conseguiu ouvir, debilmente, o coraçãozinho batendo. Respirava ainda, porém de modo tão precário, que melhor fora para ele ter morrido então (pelo menos assim pensou o pai mais tarde, à medida que, cruelmente, viu desfolhar-se o absurdo destino da criaturinha). A mãe fez-lhe fricções no peito, cheia de cuidados, levou-o para o ar livre, abanando-o com uma ventarola. Cinco minutos de angústia; quando voltou a si, a própria mãe já não tinha esperança. Então acolheu a baciinha de barba do pai com algodão desfiado e aí depositou o doente, para uma longa convalescença. De três em três horas, fazia escorrer-lhe pela garganta um pingo de remédio, que o veterinário, consultado pelo telefone, receitara. Os meninos chegavam da escola e corriam para a copa, onde agora reinava o enfermo, numa gaiola nova, branca e vermelha, com aperfeiçoamentos.

Vagarosamente, porque o doente não queria ajudar e andava muito prostrado conseguiram curá-lo. Mas ficou intangível, de porcelana. Bastou uma corrente de ar para resfriá-lo; diante de seu crescente desânimo e inapetência, o veterinário, desta vez devidamente convocado, diagnosticou pneumonia. Na hora do tratamento, a família discutia sempre: o pai e os garotos que por serem homens não tinham a mão ligeira, observavam a mãe e as duas meninas, enfermeiras oficiais. Protestavam ao menor descuido e obrigavam, que Bentinho morreria pelos maus

tratos recebidos. Afinal, para serenar a situação, ficou estabelecido que só a mãe cuidaria do pássaro, ajudada pelas meninas, que seguravam o pacote de algodão e, quando preciso, no momento de pingar o remédio, abriam-lhe o bico. Engraçado é que diante de um período tão demorado quanto foi essa doença, ninguém se entediou, como costuma acontecer; ao contrário: era cada dia maior a dedicação da família ao pequeno enfermo — questão solene, de honra. Nem por isso Bentinho mostrou-se mais reconhecido aos adoradores irremediáveis. Ficou bom, voltou a pular, a comer de mansinho, tudo como antes, apenas agora com uma porção maior de nostalgia. Como se viver, ou não lhe fosse absolutamente sem valor. Comovia aquêle despojo amarelo, meio sem penas e envelhecido, apagado. O pai começou a evitá-lo. Quando o menino maior chamava, que era hora de pôr a alface e a rodela de ovo na gaiola, fingia não escutar e continuava calculando juros para a Companhia.

Foi quando apareceu um periquito na cozinha. A princípio ninguém lhe deu importância. Pássaro só existia um, porém, pouco a pouco, foram reparando nele, todas as manhãs pousado na janela, e acabaram por guardá-lo também (quem sabe não seria um bom companheiro para Bentinho, solitário há tanto tempo?) Ele se deixou pegar, como se estivesse mesmo esperando por isso, e entrou sem timidez na gaiola de Bentinho; foi esse quem se encolheu, mais abandonado ainda. O periquito então sossegou e os dois se ignoraram. Os meninos esperavam — nada; e foram-se embora, desapontados. Quando o caçula voltou, o periquito continuava no mesmo lugar impassível, mas Bentinho jazia no chão da gaiola, uma das pernas dobrada e cheia de sangue (sangue anêmico, quase cor-de-rosa), três peninhas soltas num canto. Gritou pelos outros, que mal podiam acreditar no que viam e se refugiaram perdidamente na mãe. A menina menor, de coração de anjo, queria por força matar o criminoso, o pai impediu-a, limitando-se a soltá-lo, num gesto cheio de repugnância. Desta vez o canário não escaparia. Pois escapou, estava destinado a aguentar tudo até o fim. A mãe encanou-lhe a perna com um fiapo de palito; a perna ficou torta e pendurada, Bentinho tornou-se patético, insustentável: um palmo de gaiola — ali: aparência de vida, dejeções, água e alpiste. A perna o incomodava, por meio de bicadas conseguiu arrancar um dos dedinhos estragados. Os garotos foram criando horror, estava disforme. Tanto que quando, pernetta e sem agilidade, tentou fugir uma tarde (por desamor, à-tôa, que não lhe interessava a liberdade), foi a cozinheira quem correu e o retirou, ofegante, da guela de um gato das vizinhanças. O canarinho já era um suplicio, paitando sobre a família como objeto de constrangimento.

Morreu quarta-feira. Assim de nada, por uma certa ironia foi encontrado morto. Enterraram-no dentro de uma caixa de sabonete Reuter, no canteiro. Belarmina, que é preta e ignorante, enfeitou-lhe a cova com uma florzinha branca (estavam todos mais ou menos em estado de poesia):

— E' para ele rezar por mim lá no céu.

Marcaram o lugar com uma pedra: lá ficou o amigo, descansando. Todos se sentiam aliviados, mas ninguém disse nada, e as crianças choraram.

## CARTA DE AMOR DE LUCIEN BONAPARTE A MADAME RECAMIER

Veneza, 27 de julho de 1799.

Romeu vos escreve, Julieta. Se recusardes ler esta carta sereis mais cruel que vossos pais, cujas brigas intermináveis estão agora mais calmas. Espero que essas terríveis disputas não reapareçam mais.

Há tão poucos dias eu só vos conhecia de nome; vos tinha visto nas igrejas e nas festas; já sabia que sois a mais bela das mulheres; milhares de bocas reetiam-me elogios sobre vossa pessoa. Mas vossos encantos não me haviam entusiasmado... Por que a Paz fez com que eu me dirigisse ao vosso Imperio? A Paz?... Ela está hoje nos lares mas não em meu coração.

Depois disso tenho sempre vos encontrado. O amor pareu-me sorrir... sentados num banco, sozinhos os dois, vos falei de meu amor e pareceu-me que um suspiro saíra de vosso coração. Ilusão vã! Saindo de meu ermo vi que a indiferença, de fisionomia calma, sentara entre nós dois... A paixão que me martirisa se exprime em minhas palavras enquanto as vossas são impregnadas de amavel e cruel ironia.

O' Julieta! A vida sem amor é apenas um sonho longo demais; a mais bela mulher deve ser a mais sensível! Feliz do mortal que conseguir ser o vosso amado.

## Prazer em Conhecê-lo

LUCIEN BONAPARTE o autor da Carta de amor que hoje publicamos, era irmão de Napoleão I o célebre imperador de França. Nasceu em Ajaccio (Itália) em 1755. Foi presidente do Conselho dos Quinhentos, Príncipe de Canino e Ministro do Interior da França. Morreu em Viterbo (Itália em 1831).

★

MADAME RECAMIER — foi uma célebre mulher francesa tão bela quanto inteligente. Nasceu em Lyon (França) em 1777, morreu em Paris a 11 de maio de 1894. Seu marido era, um rico banqueiro e sua vida está ligada a época napoleônica, quer na política quer nas letras. Era chamada na intimidade por Juliette e foi uma das paixões de Napoleão Bonaparte.

Foi amiga íntima de Madame de Stael.

Sobre ela escreveu o crítico francês Sainte Beuve:

"Pôde-se dizer que ela aperfeiçoou a arte da amizade. Ela desarmava os coléricos, adoçava as asperezas, desferia lábios e inoculava indulgência..."

## ACALANTO

ANA OSORIO

Especial para MOMENTO FEMININO

Como quem vigia uma flor  
Quem me dera vigiar.  
De madrugadas profundas  
Trazer suspiros e álguas  
Para teu leve descansar.

De rosas suaves a forma  
Quem me dera preparar.  
Rosas selvagens nos lábios  
Mansa quietude na alma  
Terno brilho nesse olhar.

Em branco pássaro ao léo  
Quem me dera transformar,  
Em fino e alvo gemido  
Pouco a pouco resumido;  
Teu doce nome sonhar.

## "NOSSAS AMIGAS"



Dissemos em nosso primeiro número que **MOMENTO FEMININO** tem um programa a cumprir: defesa da felicidade, da alegria, do bem estar da mulher e da criança. Problema profundamente humano. Mas para a existência de nosso jornal dissemos também que precisamos da ajuda de todos: amigos e amigas. Ajuda imediata e prática. Propomos então a vocês hoje, a criação de grupos de amigos de **MOMENTO FEMININO**. Esses grupos serão o nosso sustentáculo e o nosso estímulo.

Você — amiga — veja no seu círculo de relações essa possibilidade organize uma, duas, dez, cem amigas suas e com elas ajude nosso jornal que é seu jornal.

Você quer fundar um grupo de «Nossas Amigas»? Venha à nossa redação a qualquer hora.

Solicitamos as Nossas Amigas que tanto nos vêm ajudando na venda do **MOMENTO FEMININO** que compareçam à redação das 10 às 12.

Nossa encarregada do expediente as atenderá.

### Dr. Linandro Dias

Doenças internas — Tuberculose

Radiologia pulmonar

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18º and. Sala 1801.  
Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados.  
Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca  
Telefone: 38-6837

## G. BERNARD SHAW E O VIOLINISTA

O violinista exibiu-se perante Bernard Shaw, e, ao terminar, perguntou-lhe ansioso:

- "Que acha de minha interpretação?"
- "Faz-me pensar em Paderewsky" — respondeu-lhe o grande humorista inglês.
- "Mas Paderewsky não é violinista!" — objetou, espantadíssimo, o artista.
- "Justamente... O senhor também não..."

Você não sabe o que fazer de uma velha cadeira.

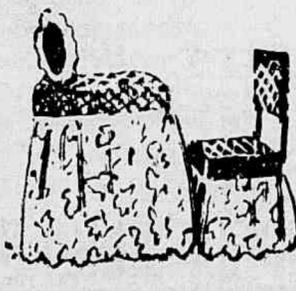
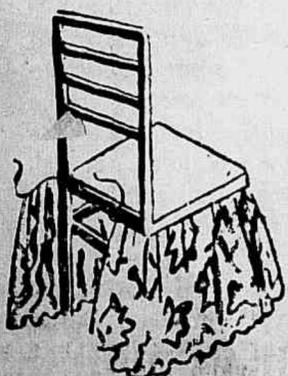
Na última arrumação da casa a pobre andou de um lado para outro. Nenhum lugar era o seu. Destoava de tudo, não fazia nenhum contraste. Feia e velha. Você chegou até a pensar em jogá-la fora.

Não faça isso. Veja como sua velha cadeira vai tomar um ar bo-

### ARRANJOS DO LAR

## ERA UMA VEZ UMA CADEIRA FEIA

nito. Primeiro com um "reps" florido e bem espalhafatoso faça um amplo babado que lhe vá até os pés. Cubra o seu espaldar com uma fazenda lisa fazendo um alcochoado. (Não está ficando ótima?) Agora prepare uma almofada para o assento. Cubra-a com a mesma fazenda do espaldar e o mesmo alcochoado... Se quiser detalhes ponha lacinhos de ve-



— Chegou um pouca tarde, dr. Roberto.  
— A fila do ônibus, d. Luisa.

— Compreendo.  
Luisa desligou o rádio e ajeitou, de passagem, as dobras da cortina.  
— Sabe, meu amigo, nossa palestra de sexta-feira deixou-me pensativa. Por coincidência encontrei Madalena que teve criança há cinco semanas. Anda atralhadada sem saber escolher um mingau para o menino. Ela trabalha numa repartição pública e passa quase o dia inteiro fora de casa. Não soube ensinar coisa alguma.

— E também, d. Luisa, não competia à senhora escolher a alimentação do bebê para esses intervalos de ausência de sua amiga. Quando por qualquer impedimento da mãe ou da criança não é possível a amamentação ao seio se torna necessário recorrer ao aleitamento risto ou ao artificial. Mas, toda iniciativa na determinação do método de nutrição da criança não deve ser tomada pela mãe sem consultar o médico.

— Que fará o médico?  
— Nesta situação, ele ordinariamente apelará para o leite de vaca. Mas, d. Luisa, antes de tratarmos da introdução do leite de vaca na vida do bebê, façamos um rápido estudo de sua origem, composição e dos cuidados higiênicos exigidos para sua conservação.

— Ótimo, dr. Roberto. Ficarei sabendo sobre o leite muita coisa que há tempos vêm me intrigando.

— O leite é um produto preparado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos

## PUERICULTURA

MARGARIDA

maníferos, a custa dos de sua produção até o ins- elementos do sangue. Apre- senta-se como líquido opa- co, de cor branca mais ou menos amarelada, de sabor doce e cheiro agradável.

— Que espécie de alimen- to é o leite?

— O leite é um alimen- to completo. Entram em sua composição, além de água, proteínas, gorduras, lactose que é o açúcar do leite — sais e vitaminas. O leite de animal sadio e bem nutrido contém suficiente quantida- de de vitaminas A, B, C, D e E. As qualidades nutriti- vas e a excelente composi- ção tornam o leite um meio ótimo para os micróbios. Por isso fica sujeito a al- terações naturais, rápidas e fáceis.

— Micróbios! Como eles chegam até o leite?

— Os micróbios alcan- çam o leite por diversas ma- neiras, às vezes na própria fonte, isto é, o animal que o fornece, em nosso caso — a vaca. Se o leite estiver numa temperatura apropria- da os germes aumentam as- sustadoramente. Muitos de- les não são prejudiciais, no entanto outros podem cau- sar sérias doenças como a febre tífica, inflamações de garganta, escarlatina, dif- téria, tuberculose e pertur- bações gastro-intestinais. Epidemias violentas já se propagaram por meio do lei- te contaminado.

— Que precauções tomar para evitar tudo isso?

— A proteção do leite re- quer medidas especiais, que

acompanham muito antes tante em que é consumido. O leite deve ficar sob vigi- lância constante. Entre os cuidados essenciais encon- tramos os seguintes: o ga- do destinado ao forneci- mento do leite deve ser ab- solutamente sadio, livre de tuberculose e apresentar bom estado de nutrição; a alimentação das vacas leitei- ras precisa ser de forragens frescas, em quantidade su- ficiente.

— Pelo que estou perce- bendo a tiragem do leite deve ser muito importante.

— Perfeitamente. A or- denha necessita de local apropriado e muito limpo; a limpeza do animal, especial- mente do úbere, deve pre- ceder à extração do leite; o tirador do leite precisa ser educado de modo a cum- prir higiênica e rigorosa- mente seu trabalho; deve ser isento de moléstias trans- missíveis e não ser porta- dor de germes; o leite pre- cisa ser colhido em vasilha bem aseada, ser entregue ao consumidor, sem inter- mediários e o mais cedo possível; em casa do con- sumidor será fervido e bem conservado.

— Em casa as atenções dobrarão.

— Sim, d. Luisa. Como há muita facilidade para a contaminação do leite, tor- na-se necessário o máximo cuidado para sua defesa, em casa. Todas as vasilhas que tiveram em contacto com o leite devem ser esca- ladas com água fervente. Uma precaução indispensá- vel é a fervura.

Será preciso seguir algu- ma regra para ferver leite, Dr. Roberto? Todo mundo sabe fazer isso.

— E' engano, d. Luisa, nem todos sabem. A pessoa encarregada dessa tarefa deve estar atenta para não retirar o leite do fogo mal sobe na vasilha. A subida do leite se dá numa tempe- ratura inferior à fervura e insuficiente para destruir os germes. E' preciso quebrar a película formada na su- perfície, afastar a nata para que o líquido atinja a 101º e ferva em grossas bolhas. Em seguida o leite deverá ser resfriado e guardado em lugar fresco, na mesma vasilha em que for fervido e ainda convenientemente tampada para evitar conta- minação.

— Muito agradecida, dr. Roberto. Nossa conversa foi prática em extremo. Aprendi coisas simples e ao mesmo tempo de importân- cia vital.

## Sobre moda infantil

GISEL LEMMONIER

F. I.]

Na América do Sul, geralmente, se dá pouca impor- tância às roupas infantis. Na Europa é ao contrário. O cuidado pela indumentária das crianças abarca um mun- do imenso onde modistas, modelistas, costureiras, alfaiates e chapeleiras se esmeram em criar e apresentar novos modelos.

Na América do Norte a moda infantil é a inglesa. A França guarda para si o cuidado de influenciar sobre os países europeus.

Paris une a simplicidade e beleza à comodidade das crianças. E' imprescindível o detalhe bordado, o enfeite discreto nos conjuntos infantis. Chapéu, vestido, capote, c6r e acessórios em perfeito: harmonia. Na criança é mais importante o colorido geral que o predomínio absoluto de uma cor muito" diz um velho modelista infantil.

Na primeira idade a moda nada encontrou de novo para dar às crianças. São as mesmas roupas do bebê: bordadinhos, rendinhas, preguinhas.

A partir de três anos é quando os criadores de mo- da encontram caminho propício para difundir suas criações.

Vimos uma pequenita com um traje de verão azul ce- leste com um decote quadrado que se prolonga nas cos- tas. Mangas bufantes e um bordado que acompanha o de- cote. A saia era bem rodada e a garota estava linda.

Para a tarde, para as festas infantis é imprescindível a qualquer "menina elegante" o vestido amplo, com- prido, mais amplo e mais comprido que os vestidos de usar pela manhã.

A fazenda mais usada para esses vestidinhos é a mus- selina, o plumetis, a organza, o organdi e para o inverno a lã bem leve e macia de cores escuras como verde azul, marron e preto.

A moda de vestir com a mesma fazenda, o menino e a menina simplifica o problema para a mamãe.

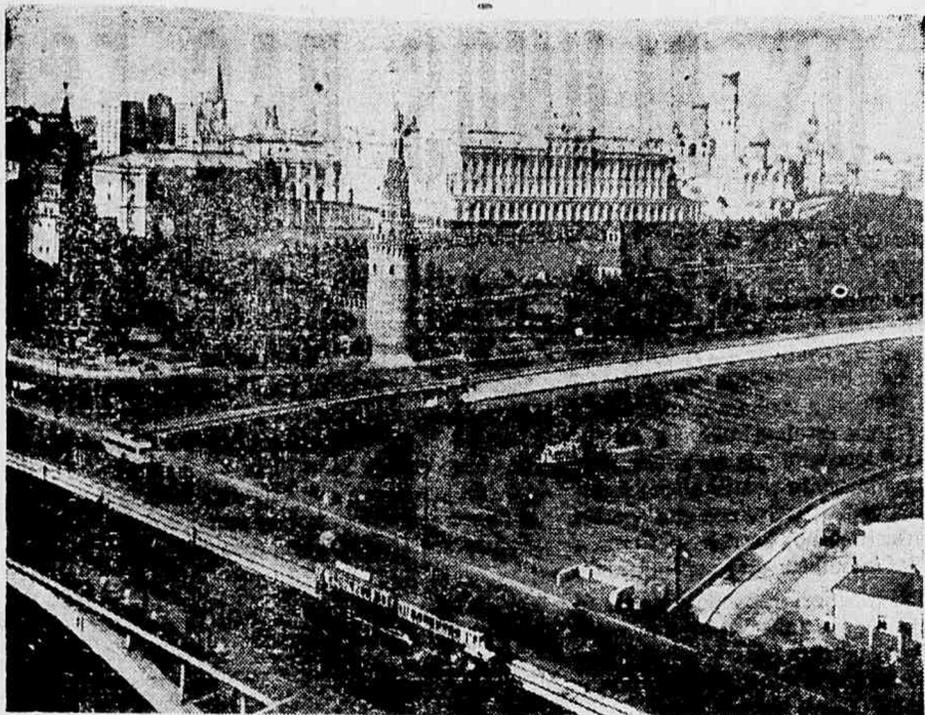
O cabelo das meninas oscila entre muito curto e mu- ito comprido. Quando está muito comprido só deve ser preso com fitas, tranças, cachos.

As saquetes tão usadas na América do Sul não mais o são pelas crianças da Europa, que vestem meias bran- cas ou escossas que chegam ao joelho.

O sapato é escuro para o inverno e claro no verão.

Os chapéus para menina não mudaram: capotinhos, e o eterno breton para trás, de copa redonda. Os meni- nos usam gorro, boina ou casquete.

As exposições infantis de modelos têm o mesmo am- biente de originalidade, elegância, a admiração que as grandes exposições de alta costura, nas corridas de Longchamps, ou nos salões do inverno ou do verão. Mas deixam também uma vaga tristeza ao contemplar-se as crianças que exibem as roupas que deslizam sem natu- ralidade e sem doçura como se fossem modelos profis- sionais.



Moscou, a cidade heroica que tanto lutou contra o invasor fascista festejou a 7 de Setembro seu 800 aniversário. Cidade das mulheres, e das crianças e dos trabalhadores, o aniversário da Cidade foi um grande acontecimento.



## Nosso 7 de Setembro

Comemoramos a 7 de Setembro a Independência do Brasil. Há 125 anos, em 1889, o Brasil deixou de ser colônia de Portugal, e o sangue de nossos heróis correu para essa conquista. Todos os Estados do Brasil deram heróis para a Independência. Ela foi também uma conquista de nosso povo.



## Um Retrato de Mulher Chiquinha Gonzaga

Francisca Hedwiges nasceu em 17 de outubro de 1847. Desde cedo iniciou seus estudos de piano. Em 1858 já Chiquinha começava a "inventar" música para a noite de Natal em família. Como era então costume, aos 13 anos arranjaram-lhe um noivo e logo depois casava ela com um comandante da marinha mercante. Chiquinha e seu filho acompanharam-no quando transportava em seu navio, soldados e materiais para a guerra do Paraguai. Sem piano, Chiquinha consegue um violão e aprende a tocá-lo. Seus desentendimentos conjugais levaram-na a separar-se do marido e construir um novo lar que também não deu certo. Desta vez os preconceitos sociais negaram a Chiquinha Gonzaga o direito de ter um lar. Foi então que ela resolveu sua vida assim: trabalhar, lutar para viver. Fez-se professora de piano. Sua biógrafa, Mariza Lira diz:

"Abandonada pela família, humilhada pela sociedade, previda por necessidades imperiosas, resolveu ganhar a vida compondo e tocando em bailes particulares".

O maestro Artur Napoleão completou-lhe a cultura artística. Artur de Azevedo o romancista e dramaturgo deu-lhe uma peça a musicar. Carlos Gomes admirou-a...

Chiquinha "era uma criatura franca, sincera, leal, arrebatada, violenta por vezes". Compôs 77 partituras de peças teatrais e 2.000 músicas acentuadamente brasileiras. Foi principalmente uma compositora popular. E' de sua autoria a música de "Casa de Caboclo", assim como a de "Lua Branca".

Chiquinha Gonzaga foi também autora de músicas patrióticas. Abolicionista ela organizou festas em prol da libertação dos escravos. Em 1921 (muitos anos depois) Lopes Trovão apontou-a como um símbolo de abnegação cívica.

Em 1893 Chiquinha compôs uma cançoneta "Aperte o botão" que o governo achou irreverente... Teve ordem de prisão, as músicas foram apreendidas e a edição inutilizada.

... Já naquele tempo...

Em 1899 Chiquinha compôs para o Cordão "Rosa de Ouro" o famoso:

"O' abre alas  
Que eu quero passar,  
Eu sou da lira  
Não posso negar".

Em 1889 Chiquinha Gonzaga vê realizado um de seus desejos: a proclamação da República! ....

E sua carreira artística veio vindo anos afora, sempre colhendo sucesso. Compondo e regendo foi sempre aplaudidíssima. Em 17 de janeiro de 1935 Chiquinha Gonzaga completava seu jubileu artístico. Nesse mesmo ano de 35, a 28 de fevereiro, morria essa mulher infatigável, trabalhadora, que tanto amara o povo dando-lhe música, muita música.

## Ligia Maria Lessa Bastos



Ligia fez anos dia 9 do corrente. Ao seu nome não há necessidade de juntar qualificativos. Sua eleição para a Câmara Municipal é uma demonstração de seu valor pessoal. Ligia que é redatora de **MOMENTO FEMININO** vai receber nesta notícia, se bem que atrasada, os votos de felicidade de todas nós, suas companheiras de redação.

## Coisas que aconteceram...

(dos jornais)

O DIA DA IMPRENSA: 10 DE SETEMBRO

Os destinos da imprensa em defesa da Paz e da Liberdade

A A.B.I. enviou às entidades congêneras a seguinte mensagem: — "O Dia da Imprensa, que assinala o aparecimento da "Gazeta do Rio", a 10 de setembro de 1808, reveste-se, este ano, de significação toda especial. Em meio ao júbilo patriótico, que assinalou as comemorações do "Dia da Independência" e da satisfação continental decorrente da assinatura do Tratado do Rio de Janeiro, dirige-se a Associação Brasileira de Imprensa aos jornais e jornalistas de todo o Brasil para reafirmar a sua fé nos elevados destinos da imprensa. Hoje como nunca é decisivo o papel da imprensa para a consolidação da paz e a preservação dos princípios de solidariedade entre os povos de boa vontade entre os homens. Cabe, pois, aos profissionais da imprensa um papel que a Associação Brasileira de Imprensa se apressa em assinalar, ao mesmo tempo que envia às entidades co-irmãs do Brasil inteiro esta mensagem de confiança no presente progresso do jornalismo em nossa terra. Cordiais saudações. — Herbert Moses, presidente".

DEMOCRACIA, DEMOCRACIA ONDE ESTÁS QUE NÃO RESPONDES?

Sobre o monstruoso processo ora movido contra o jornalista Aydano do Couto Ferraz redator-chefe da "Tribuna Popular", o sr. Herbert Moses, declarou:

"Advogando há 45 anos, tive sempre por sistema não me manifestar sobre nenhuma questão dependente das decisões da Justiça. Essa circunstância, no entanto, não me impede de manifestar o meu ponto de vista como jornalista de que os chamados delitos de imprensa não podem ser processados com fundamento na Lei de Segurança, pois o que nos move é acima de tudo, a convicção de que a mesma não tutela o exercício, na imprensa, das liberdades inseparáveis da democracia".



## COMODIDADE

A DO TRICÓ: — Assim é muito mais cómodo para ele... Não precisa estar experimentando a toda hora...

## ASSINE

**MOMENTO  
feminino**

3 meses ... 12,00  
6 meses ... 22,00  
12 meses ... 40,00

Faça os seus pedidos para a Gerente na Redação  
R. DO LAVRÁDIO, 55 - s. 14  
RIO DE JANEIRO

## Nossa Correspondência

"Amigos:

Sabíamos que vocês compreenderiam o nosso apêlo e quando o fizemos tínhamos certeza que o auxílios viria de qualquer forma. Dissemos: Ajudem nosso jornal, queremos viver e para isso precisamos de vocês. Os auxílios estão chegando. Estamos agradecidas e — por que não dizer? — comovidas.

PERY JOTADA de S. Paulo mandou-nos a ajuda de Cr\$ 50,00.

JOAQUIM TENREIRO ofereceu-nos um quadro a óleo: "Natureza Morta".

QUIRINO CAMPOFIORITO mandou-nos um de seus quadros a óleo, "Marinha".

JOSE' RESCALA, deu-nos uma paisagem dos Estados Unidos, também quadro a óleo.

E assim, amigos e amigas, MOMENTO FEMININO continua a esperar e a ter certeza do auxílio de todos.

Aos que já nos presentearam repetimos: — Muito obrigada!

Confiamos em vocês.

"MOMENTO FEMININO" QUER SER UM JORNAL REALMENTE FEMININO; PARA ISSO PRECISA DA COLABORAÇÃO, DAS SUGESTÕES DE TODOS.



A população infantil no Distrito Federal em idade escolar é de 330.000 crianças. Apenas 100.000 frequentam escolas.

## NOSSA FESTA CULTURAL



Consideramos um grande êxito a realização de nossa primeira festa cultural atendendo ao programa que nós traçamos. O Auditório do A.B.I. esteve cheio de mulheres e amigos deste jornal que foram levar às conferencistas o apoio inestimável de suas presenças e a MOMENTO FEMININO a afirmação de entendimento e compreensão.

Ligia Lessa Bastos, Sagror de Severo e Arcelina Mochel trouxeram para a assistência os problemas da mulher desde sua emancipação econômico-política até o presente momento de defesa da Democracia, da Paz, das liberdades públicas. A nenhuma delas foi negado o aplauso merecido e suas palestras tão diferentes entre si constituíram um conjunto harmonioso de apoio e de defesa da mulher no passado e no presente.

Compareceram representantes de várias organizações femininas e mais os vereadores Osório Borba, Coelho Filho, Ary Borroso, Poes Leme, Breno Silveira e Jaime Ferreira. As conferencistas foram apresentadas pela vereadora Odila Schmidt e nossa secretária Sílvia Leon Chalco dirigiu os trabalhos da mesa.

A multidão correu dos vagões, como os braços de uma delta, e invadiu a plataforma da Central, unificando-se, compacta, num transbordamento de inundação.

No entanto, o trem em que seguimos para o Meyer ia quase vazio, àquela hora matinal, em que todo o movimento se processa dos subúrbios para o centro.

Queríamos conversar com os alunos das Escolas Técnicas Municipais. Nossas leitoras talvez não saibam que a Prefeitura mantém, nesta cidade, doze Escolas Técnicas, onde é ministrado o curso industrial — uma das Escolas, a Ferreira Viana, é pré-vocacional — e uma escola de Comércio, a Amaro Cavalcanti. Cada um desses estabelecimentos abre, anualmente, a média de sessenta matrículas novas — número ridículo para a quantidade de adolescentes saídos das escolas primárias, que desejam continuar os estudos. E é, praticamente, o que existe em matéria de educação secundária gratuita no Distrito Federal. Há, ainda, o Ginásio Rio Branco, também municipal, e a Escola Técnica Nacional, esta já por conta do Ministério da Educação, escapando, portanto, à administração da Prefeitura.

Na estação do Meyer, encontrei grande grupo de adolescentes das Escolas Visconde de Cairú, Visconde de Mauá e Santa Cruz; as meninas, em seu uniforme azul de blusa branca, eram todas da Escola Bento Ribeiro. Alguns esperavam o trem, queixando-se dos horários da Central.

Apresentei-me como representante do MOMENTO FEMININO. As meninas animaram-se. Conheciam o jornalzinho, gostavam muito; uma foi logo pedindo que providenciasse seu "retrato" grafológico; — "Mas não vá dizer coisas severas a meu respeito, sim? Olhe que eu sou boazinha... Só meio vadia". — Outra queria um molde de blusa bem "jeitoso"; a terceira reclamou a receita de uma loção contra sardas — e seu rosto ansioso, pintadinho como um ovo de peru, justificava, fustigando-a, a urgência dessa reivindicação.

Conversamos, logo íntimos. Gostavam das respectivas escolas, mas... Sempre um "mas" atrapalhando! A alimentação, em todas elas, poderia ser melhor. Era, na realidade, má e deficiente. Com o regime de semi-internato a que estão sujeitas — (embora as escolas se declarem "externatos") — entrada às sete, saída às cinco, deveriam receber melhor e mais copiosa alimentação. Culpa das verbas. Os Diretores até que se esforçavam bastante para atender ao sólido apetite da meninada em época de crescimento, mas tinha havido corte na verba, e então... — "Corte na verba de Alimentação?" — perguntamos com espanto, pois não é crível que, no momento em

# COM OS ALUNOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS

Lia Correa Dutra

que os preços dos gêneros sobem dia a dia, diminuem a quantidade para sua aquisição.

— "Bom; corte propriamente não foi" — explicou um mocinho da Escola Visconde de Mauá, muito esperto e informado dos mistérios administrativos — A verba global da totalidade das escolas continua o que era. Não foi corte, mas deu no mesmo. Não vê a senhora que essa verba global era dividida por onze escolas; passou a ser dividida por treze, e o que aconteceu foi que todas elas passaram a dispor de uma quantia muito pequena para a alimentação dos alunos, e nós, coitados, tivemos que apertar o cinto... E olhe que já não tínhamos barriga... Como a senhora vê, a juventude dos subúrbios está sub-nutrida".

Reparei em todos eles. Magricelas, pálidos; alguns já com falhas de dentes; uma das mocinhas — e, a não ser isso, bem bonita — com cáries escuras nos incisivos, roubando-lhe toda a graça do sorriso. Necessitavam, evidentemente, de cálcio, vitaminas, frutas, carne, leite...

— "Leite?! — perguntou um dos alunos da Escola Visconde de Cairú — E' coisa que não nos dão. Antigamente, cada um de nós bebia um copo de leite, em nossa escola, ora na merenda, ora no espaço entre a entrada e o almoço. Mas suprimiram o leite... Suprimiram mesmo a merenda. E' só um prato ao almoço; refeição única e prato único. E olhe que entramos às sete, saímos às cinco, temos várias horas de aulas e o trabalho bastante pesado das oficinas. Mas o que há de bom, na nossa escola, é que Diretor, professores e funcionários se submetem ao mesmo regime e comem o que nós comemos, o que não acontece em outros estabelecimentos, onde os alunos passam mal e a administração passa do bom e do melhor..."

— "Alguns diretores procuraram resolver o problema da restrição na verba diminuindo a quantidade de comida, suprimindo a sobremesa, etc.; outros, ao que me contaram alguns colegas, limitaram o número de matrículas. Com isso, os alunos matriculados não passam tão mal; em compensação, cresce, aqui fora, o número imenso de meninos e jovens sem escola. Aliás, muitos dos alunos, quando atingem a idade mínima de trabalho de menor —

quatorze anos — são retirados pelos pais mais pobres, e vão ajudar a vida da família. Mas este já é outro problema".

— "E por falar nessa história de matrículas — lembrou um dos de Santa Cruz — a senhora não podia votar no seu jornal que o exame de admissão é muito "puxado" e não corresponde ao que aprendemos na escola pública? Escute só: completamos o curso primário muitas vezes

dável, de boas cores e bons dentes. Uniformes em mau estado; sapatos gastos, de biqueiras escalavradas, alguns amarrados com barbante. Não sei se os responsáveis pelo povo, se os senhores do Poder Executivo já se detiveram, alguma vez, em olhar bem de perto, um por um, os meninos de nossas escolas públicas. Desconfio que não, pois, se o tivessem feito, dariam mais atenção à situação angustiosa de nossa Infância e de nossa Juventude.

Parei junto a um pequeno grupo. Perguntei o que achavam da escola.

— "E' muito boa — disse um, que declarou chamar-se José — o Diretor, Dr. Franco, é dedicado à escola e aos



com boas notas, mas, como não podemos nos dar o luxo de um explicador particular, não estamos à altura do exame de admissão. Resultado: de duzentos ou trezentos candidatos, passam apenas cerca de cinquenta ou sessenta. Há uma outra forma de câncer da mama que dá a impressão de eczema. Ataca o mamilo com sensação de calor e coceira em redor do bico do peito. Vem depois a ulceração, diminuição do tamanho do seio e todo o cortejo de sintomas do câncer propriamente dito.

Os cânceres que se ulceram, que se abrem em feridas, esses evoluem rapidamente.

Quando o tumor maligno é descoberto logo no início, e operado em tempo, tudo vai bem. O tumor não teve tempo de atacar (metastases) outros órgãos. Em 61% há curas completas. Se, porém, os gânglios foram atingidos, ou mesmo se já há comprometimento para o lado dos pulmões, pleura, rins, fígado, então é um caso que não dá grandes esperanças, porque, mesmo operada a mama, surgem em pouco tempo os metastases que vão aos poucos roubando a vida do paciente.

Nos nossos trabalhos, procuramos dar às nossas leitoras, alguma orientação sobre seus problemas de saúde e como se proteger contra certas infecções. Não escrevemos para nos aprofundarmos nos assuntos. Visamos ajudar nossas mulheres e queremos delas todas as sugestões. Nosso jornal não é acadêmico; é um jornal feminino para a grande massa feminina. Por isso chamamos atenção aqui da nossa Z, como também de todas as mulheres que não percam tempo em face de uma qualquer afeição da mama, seja um nodosinho, uma pequena mancha avermelhada ou arroxeadas. Procurem imediatamente um serviço de pele, um ambulatório, seu médico, ou mesmo o serviço de cancerologia. E' melhor prevenir cedo que remediar tarde.

O câncer tem liquidado na nossa Pátria preciosas vidas e a assistência que os poderes competentes dá ao Serviço de Câncer e aos cânceres em geral é alguma coisa de injusto e desumano. Nas cidades do Norte, morrem à mingua centenas e mulheres deixando na orfanidade milhares de crianças. São as vítimas mais terrível mal, entregues à sua própria sorte que falecem na esperança de que seus filhos, num futuro mais risonho venham a usufruir dos direitos que lhes foram roubados. O direito de ter saúde, de ter condições para se tratar e de serem tratadas condignamente como seres humanos que são.

Esperamos que o Serviço de Saúde, cumpra com suas obrigações protegendo a vida de todos nós. E' um dever patriótico dos governos zelar pela saúde de seu povo. As mulheres cabe lutar sempre, organizadas nas suas sociedades e uniões para que os senhores governantes não esqueçam seus deveres para com o povo. O povo não tem saúde e precisa tê-la. Sem ela não poderá produzir para criar uma grande nação! E o Brasil deve ser uma grande Nação.

alunos, os professores são ótimos, os funcionários zelosos. Mas antigamente é que esta escola era boa mesma, no tempo de meu irmão! Imagine a senhora que havia um curso ginásial gratuito! Os alunos só pagavam a taxa de equiparação, num total de noventa e poucos cruzeiros por ano. E a gente saía daqui bacharel. Os que preferissem, faziam o curso técnico, especializavam-se nas oficinas — em madeira, naquela ocasião; hoje em ferro — mas os que queriam seguir uma carreira liberal também tinham essa possibilidade. Um aluno da turma de 42 e outro da turma de 43, "da Cairú" foram, respectivamente, classificados em 2.º e em 1.º lugar no exame de admissão para a Escola de Cadetes, a que concorriam candidatos vindos do Brasil inteiro! Que beleza, hein!"

— "O ensino ginásial, então, era eficiente?" — "Se era? Era ótimo! E veja a senhora: não havia despesa para a Prefeitura, pois a equiparação era paga pelos alunos, e os professores eram os mesmos do curso técnico, as salas e o material de estudo também aproveitados".

— "Então, porque suprimiram o curso?" — "Corre que foi porque acharam que filho de operário não tem direito de ser doutor... Nem preciso dizer à senhora que o curso ginásial das Escolas Técnicas foi criado pelo Dr. Pedro Ernesto. Preciso? Aquilo é que era Prefeito, moço".

Concordamos. Sim. Aquilo é que era Prefeito! Escolhido pelo povo, eleito pelo povo, interessado nos problemas do povo!"

Um mulatinho fininho e comprido como um bambu meteu-se na conversa:

— "Mas não se limitaram a tirar o curso ginásial; reduziram o ensino de cultura geral do curso técnico à ex-

pressão mais simples. Não nos ensinam física, nem química, (é verdade que aprendemos noções de "Ciências") nem sequer História Geral. Quando ouvimos qualquer citação, quando vamos assistir à uma fita histórica, ficamos "boiando" completamente.

Outro, um louro, já de barba na cara, quis também dar o seu "palpite":

— "E não é só isso. Acabaram ainda com o Curso de Química Industrial e com o de Desenho Técnico. Foi um escândalo! Suprimiram os cursos sem dar satisfações à gente, quando vários rapazes já tinham gasto um dinheiro em papéis, selos, certidões, explicadores, e já tinham até feito o exame de admissão e sido aprovados. E, no entanto, esses dois cursos, inteiramente gratuitos, ofereciam perspectivas admiráveis aos estudantes pobres".

— "Qual a reivindicação máxima dos alunos desta Escola?"

— "São três: melhoria de alimentação, volta, pelo menos, do Curso Ginásial e do de Desenho Técnico, e valorização dos diplomas. Estes, por enquanto, não passam de um farrapo de papel que só serve mesmo para dar uma satisfação a nossos pais. E, entretanto, nós nos especializamos em tornearia, eletrotécnica, mecânica, etc. Deviam dar-nos os melhores possibilidades de futuro. Não dizem que a época é dos técnicos? Então!"

— "Mas isso não passa de um sonho..." — concluiu o mulatinho.

E despediram-se, porque a sineta estava tocando.

Mais tarde, à porta da Escola Técnica Orsina da Fonseca, na rua S. Francisco Xavier (um casarão bonito e antigo, em centro de jardim), já encontramos as internas que saíam em sua folga semanal.

Queixas e elogios misturavam-se atabalhoadamente. A alimentação é má; deviam mudar as roupas mais frequentemente, etc. Falavam na inspetora, D. Olina, que grita, mas defende sempre a gente", que "ralha, mas tem um coração de ouro", e briga com todos para que as meninas recebam comida mais satisfatória.

Falamos com Maria, que se especializa em chapéus; com Glória, que faz flores de panos com Alzira, que se está tornando um "quituteira" de mão cheia; com Lourdes, que aprende "corte e costura" e com duas outras, já mocinhas, do Curso de Mestria, que tiveram medo de dar os nomes.

— "Eu queria ser professora — disse uma delas — é minha vocação desde pequena. Mas como? Nosso diploma não é reconhecido, não tem o mínimo valor. A senhora não acha uma injustiça? Fiz todo o curso primário; depois quatro anos de Curso Industrial, nesta escola; estou no segundo de Mestria; tenho mais um ano de Pedagogia. Saírei uma mestra completa, apta a lecionar aquilo que tão bem aprendi. Mas de que adianta? Se quiser lecionar "Corte e Costura" nesta escola ou em qualquer outra da Prefeitura, terei de prestar concurso, em igualdade de condições com gente de fora; e essas moças que vêm de colégios particulares aprendem mais uma porção de coisas que não nos ensinam; sabem francês, o que ajuda muito para leitura de figurinos e livros técnicos. Antigamente, ensinavam francês e inglês nas escolas técnicas; mas suprimiram o ensino de idiomas estrangeiros, o que nos faz uma falta enorme. Muitas têm "pistóles", são de famílias importantes. Nós, porém, somos mocinhas pobres, e educadas à custa da Prefeitura. E assim, elas vão conseguindo nomeações interinas ou como extra-meritárias, vão fechando as vagas, impedindo nossa carreira. Devia acontecer conosco o mesmo que acontece com as professoras primárias; terminando o curso na Escola de Educação, estão automaticamente indicadas para exercer o magistério primário, e ninguém, vindo de fora, lhes tira a possibilidade de uma nomeação. Nós, que nos especializamos em curso técnico, estamos naturalmente indicadas para o cargo de Professoras de Cultura Técnica da municipalidade e esse direito devia ser garantido, não acha a senhora?"

— "Acho, de certo. Então, o que vocês querem, é..." — "Melhor alimentação, a volta ao currículo de matérias suprimidas, tais como História Geral e idiomas estrangeiros — um, pelo menos — e a valorização de nossos diplomas. E não seria mal que fosse restabelecido, nas escolas onde funcionavam antes, o curso ginásial. Nem todos têm jeito para trabalhos de oficinas; muitos gostariam de estudar Medicina, Direito, Engenharia, etc. E agora, com um único ginásio gratuito — o Rio Branco, que, aliás, só foi criado há cerca de dois anos — os filhos dos pobres ficam privados da possibilidade de seguir um curso secundário equipado, pagar colégio particular, nossos pais não podem, certamente. Já é com sacrifício que nos dão livros, cadernos e uniformes!"

Em outras escolas onde estivemos, como a "Rivadavia Corrêa", a "Paulo de Frontin" e a "Souza Aguiar", ouvimos queixas e projetos semelhantes. As reivindicações dessas centenas de adolescentes dos dois sexos que frequentam as escolas técnicas da Prefeitura são sempre as mesmas, e bem modestas:

Melhoria de alimentação, volta ao currículo de algumas matérias, valorização dos diplomas, maiores possibilidades de educação para os filhos dos pobres.

E aqui deixamos esta reportagem, com uma sugestão às autoridades responsáveis, à Câmara do Distrito Federal, que tão corajosamente se vem batendo pela solução dos problemas municipais, e, principalmente, às nossas quatro Vereadoras. A elas, como mulheres que são, entregamos o caso de nossas meninas e de nossos rapazes, da sacrificada Juventude do Distrito Federal.



## OS CURSOS TÉCNICOS FEMININOS

LIGIA MARIA LESSA BASTOS

As antigas Escolas Profissionais fundadas sob tão bons auspícios pela Prefeitura do Distrito Federal, fracassaram lamentavelmente. Entretanto, quando passaram a ser denominadas Escolas Técnicas Secundárias, atingiram a um tão evidente grau de prosperidade, que deram a impressão de que estavam com o futuro garantido.

A decadência desses estabelecimentos começou com a equiparação dos mesmos, em 1943, pelo Governo Federal, por solicitação do então Secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal. Por efeito do tal ato foram suprimidos os cursos secundários mantidos por esses institutos que daí por diante passaram a se denominar Internatos ou Externatos de Educação Técnico-Profissional.

A extinção dos cursos secundários e comercial foi um golpe mortal. A frequência caiu vertiginosamente. A Escola Paulo de Frontin, passou de 721 para 218 alunas; a Rivadávia Corrêa, de 602 para 321; a Bento Ribeiro de 515 para 422; a Santa Cruz (hoje Princesa Isabel) de 388 para 185. Somente a Escola Orsina da Fonseca, por ser internato nada sofreu.

Já em 1945 foi aberto um inquérito para apurar as razões tão evidentes causas desse estado de coisas e as várias causas não incluídas de estudar o fenômeno, chegaram à conclusão de que, com as reformas do ensino levadas a efeito havia sido desvirtuada a primitiva finalidade desses educacionais e que, a extinção do curso secundário foi o último golpe vibrado no ensino profissional.

Como vê, contramarchamos, como caranguejo, nesse assunto, porque o cargo de Secretário de Educação e Cultura foi confiado durante essa fase, a pessoas cuja única recomendação era serem indicadas pelo então futuro presidente da República.

Inconscientemente os Coronéis Pio Borges e Jonas Corrêa, — ambos apadrinhados pelo General Gaspar Dutra, — agiram, na Secretaria de Educação, como dois macacos em casa de louca.

O que faz pasmor, porém, a quem indaga a causa determinante da extinção daqueles cursos é a razão alegada: — "é que se formaram, dentro das Escolas, cursos para ricos (o ginásial), cursos para gente de recursos médios (o comercial) e cursos de gente pobre (o profissional). Estes não pagavam taxas, não eram fiscalizados".

"No fim de algum tempo, levados pelo preconceito, ainda vivo, contra o trabalho manual e sentindo-se humilhados, os alunos do curso profissional foram diminuindo de número, saindo das escolas ou transferindo-se para outros cursos. Daí a afirmativa tão conhecida de que os cursos ginásiais e comerciais mataram os profissionais. Daí a sua extinção".

Essa foi a argumentação apresentada para justificar a extinção dos cursos das Escolas Técnicas Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal.

A verdade é que a educação deve ser ministrada de acordo com as necessidades, e o ensino profissional então ministrado não esvaia interessando a juventude e porque ele não correspondia às suas aspirações, aos impulsos vocacionais a procura de cultura para realizar-se em obras.

A verdade é que os cursos ginásiais e comerciais, então mais procurados, porque melhor satisfiziam os anseios da mocidade, foram sacrificados injustamente porque estavam inocentes no crime que lhes imputaram de prejudicar o ensino Profissional. Este é que deveria ser reestruturado de modo a preencher sua finalidade.

A prova disso é que daí por diante os Externatos de Educação Técnica Profissional decaíram vertiginosamente.

E' o caso de se dizer que a emenda saiu pior do que o soneto, pois o remédio foi tão ineducado que quase matou o doente.

Realmente foi desastrosa a idéia de se procurar salvar as antigas escolas profissionais extinguindo o curso ginásial e comercial, ao mesmo tempo que se transformavam tais estabelecimentos em escolas puramente técnicas.

Após rigoroso inquérito em que foram ouvidos os alunos das últimas séries de todas as escolas, sobre as causas determinadas, da situação precária a que chegou o ensino técnico, concluiu-se que, as jovens das escolas femininas, após um curso de 4 anos, não se sujeitam a um emprego de simples aprendizes, com salários míseros, como os que a indústria de chapéus, bordados, costura e flores lhes oferece. Pouquíssimas irão para os "ateliês" à falta absoluta de outras possibilidades. Pelo que confessaram os alunos da 4.ª série, pode-se afirmar que 90% se dirige a toda a sorte de outros empregos, nos escritórios, no comércio, nos bancos, nas repartições públicas.

Urge, portanto, reformar quanto antes o ensino técnico feminino, pois, conforme estatística oficial, no ano de 1946 a indústria carioca de modas recebeu das 5 escolas técnicas mantidas pela Prefeitura, no máximo 13 costureiras e 5 bordadeiras, conforme a intenção manifestada pelas alunas da 4.ª série. Esse resultado não justifica com a manutenção desses educacionais. Em próximo artigo, exporemos nossas opiniões já consubstanciadas em projeto de lei ora em andamento na Câmara do Distrito Federal.

# ATIVIDADES femininas

## CORDOVIL HOMENAGEM "MOMENTO FEMININO"

Realizou-se no dia 6 do corrente, na União Feminina de Cordovil, uma animada festa em homenagem a este jornal, e em comemoração à posse da Diretoria, recentemente eleita. As donas de casa de Cordovil que já deram seu apoio à novel associação vêm trabalhando com grande entusiasmo e dedicação. Há muito, porém, o que fazer, pois naquele subúrbio há reivindicações importantes, como o calçamento imediato de ruas principais como José Lopes, General Carvalho, Pedro Rufino, etc.; abertura de pelo menos mais duas escolas públicas, pois as que lá existem (apenas duas), não atendem às necessidades escolares da população; instalação de ambulatórios, etc.

No ato, a presidente da União, Sra. Elvira Moreira, saudou o MOMENTO FEMININO, tendo depois se feito ouvir uma representante do jornal que apresentou os agradecimentos pela homenagem e sancionou as donas de casa de Cordovil a prestarem o seu apoio à União Feminina para

conseguirem a melhoria das condições de vida naquele subúrbio leopoldinense.

## PRIMEIRO ANIVERSARIO DA U. F. DE BOTAFOGO

As mulheres residentes em Botafogo, organizadas na União Feminina do bairro realizaram uma sessão comemorativa do primeiro aniversário da União.

Ao ato compareceu grande número de associadas e convidados, fazendo-se ouvir vários oradores sobre assuntos ligados ao programa de trabalho da União Feminina.

Num ambiente de alegria e entusiasmo, as moradoras de Botafogo realizaram um grande trabalho em favor da economia doméstica, lutando contra o encarecimento da vida e as manobras dos cambionegristas.

## AS MULHERES COMEMORARÃO O 18 DE SETEMBRO

Realizou-se no dia 10 do corrente, às 17,30, grande assembleia no Instituto Feminino de Serviço Construtivo, em que foram ventilados vários assuntos de relevante interesse à mulher carioca.

Entre um dos assuntos da ordem do dia foi motivo de grande entusiasmo das presentes o plano de atividades para as comemorações do primeiro aniversário da nossa Carta Magna.

Todas as delegadas das organizações femininas ali presentes prontificaram-se a movimentar as moradoras dos bairros para as solenidades que se levarem a efeito nessa grande data nacional.

Ideias, as mais entusiastas possíveis eram levantadas na assembleia, em colaboração ao plano de festividades que se esboçava.

Foi uma reunião viva, onde a vibração geral demonstrou a compreensão feminina do valor cívico do dia 18 de setembro.

## O PRIMEIRO ANO DE ATIVIDADE DA UNIÃO FEMININA DE MAGARÇA

Realizou-se no dia 7 do corrente uma festa comemorativa do primeiro aniversário da União Feminina da Estrada de Magarça, em Campo Grande.

Compareceu a esta festividade não só todas as associadas como grande número de convidados, inclusive o vereador Otávio Brandão, que falou a todos os presentes enaltecendo o trabalho daquela organização feminina. Falou também a presidente da União, Sra. Jovina Garcia, dizendo das finalidades deste organismo, na luta contra a carestia, agradecendo, em se-

guida, a presença de todos.

No teatrinho da União foi levado à cena um interessante ato variado pelos filhos das associadas.

Em comemoração ao 7 de setembro a União Feminina fez a sua alvorada, com salva de 21 tiros, entoando as crianças o Hino Nacional e em seguida o hino da União.



## FUTURO RISONHO

O RAPAZ: — Sua filha está uma linda moça!

A VELHA: — E' exatamente o meu retrato quando eu tinha a idade dela...

Um governo realmente democrático tem, como dever elevar o nível cultural do povo.



## O "ESTADO CIVIL" DAS MULHERES

NICE FIGUEIREDO

Embora as mulheres tenham identidade de direitos aos dos homens, assegurada pela nossa Constituição, em verdade, esse princípio geral sofre limitações.

O "estado civil" é, sem dúvida, o último reduto das limitações impostas às mulheres em nome das antigas concepções e princípios que, afortunadamente, terão de desaparecer.

Assim é que conforme seja solteira, casada ou viúva, a mulher tem diferente capacidade para agir.

Em teoria, e na lei, a mulher solteira goza de todos os direitos que os homens antigamente atribuíam a si próprios, embora a prática esteja a demonstrar que, às vezes, essa regra legal não tem aplicação. O problema nesse caso, porém, é o do sexo e da classe, e não propriamente, o estado civil.

Se porém, a mulher solteira, reconhecida plenamente capaz de gerir seus negócios, de se dedicar a qualquer profissão para, honestamente, se valorizar pelo trabalho que faz, a mulher que pode adotar, ser tutora, se essa mulher se casa, de uma hora para outra, perante a lei, passa a ser incapaz relativamente, isto é, perde o direito de administrar seus bens, salvo se, é suficientemente prudente em estabelecer o regime da separação desses mesmos bens, fica impossibilitada de dispor livremente de suas aptidões, pois, que o exercício de qualquer profissão da mulher casada depende da anuência do marido chamado "cabeça do casal", e o que é mais grave, pelo casamento não adquire a mulher o que se chama pátrio poder, porque ele é atribuído ao pai e só por morte deste poderá a mãe exercer tal direito.

A mulher solteira que antes era capaz de guiar o destino de uma criança estranha, quando casa, perde esta capacidade e, segundo a lei, fica impossibilitada de velar os interesses econômicos, morais e intelectuais de seu próprio filho em pé de igualdade com o marido, com os mesmos direitos que este, já que na prática ela tem sempre muito mais deveres.

Se enviúva, a mulher readquire as prerogativas de solteira, acrescidas dos direitos e obrigações para com os filhos que porventura tiver, direitos que perde se novamente se casa.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

Muitas são as limitações à igualdade dos direitos da mulher em relação aos dos homens, que a lei impõem através do "estado civil". Muitas já foram as nossas conquistas, mas resta muito a conquistar nesse setor. Porisso, é nosso propósito, estudar com as leitoras nessa coluna, os direitos que já temos e os que ainda havemos de ter. Porque só o trabalho das mulheres em conjunto conseguirá derrubar essa barreira de preconceitos que impede a perfeita igualdade entre os sexos e, sobretudo, a igualdade de posição da mulher e do homem na família, uma vez que os argumentos apresentados para justificar as diferenças impostas pela lei já não encontram eco no espírito e na vontade das esposas e mães dos nossos dias.

## HOTEL GRANJA ITATIAIA (RECEM-INAUGURADO)

(780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Passeios aprazíveis, escalada às Agulhas Negras. Informações: Rua Washington Luiz, 32-2º Fone: 28-4295.

# GRAFOLOGIA

Mande sua letra e faremos seu retrato

## GILDA

**JUREMA DA SILVA** — Letra ansiosa, de uma criatura inteligente e razoável, que sabe ver longe, embora os fatores circunstanciais não sejam favoráveis ao seu desenvolvimento intelectual, sua tendência é verdadeiramente intelectual. Deve esmerar-se nos estudos e alcançar o seu justo lugar na coletividade que integra. E' afetiva e bondosa, tem uma superstição atávica, que procura desfazer pelo raciocínio. Tem complexos de inferioridade infundados, e um sentimento de profunda revolta diante de qualquer manifestação de preconceitos...

**VERUSCA** — Sua letra revela fina sensibilidade artística, grande devoção às letras e, sobretudo, às obras dos grandes pensadores. E' uma organização feminina notavelmente encantadora, pela força moral que encerra na mais delicada fragilidade física. E' muito amável no trato e pelas qualidades psicológicas reveladas em sua letra, aliadas a um senso estético perfeito e a uma inteligência ativa e bem cultivada, deve ser um grande centro de atração...

**ELBA** — Você é uma criatura inteligente e enérgica, capaz de grandes cometimentos, embora sua vida não tenha sido um mar de rosas, nem lhe tenham sido facilitados recursos para obter um grão de cultura relativo ao potencial dessa inteligência notável que possui. Sente um poderoso entusiasmo pelos movimentos reivindicatórios femininos e pode realizar muitas coisas efetivamente úteis e grandiosas nesse setor. E' dedicada e muito leal nas afeições e nos ideais que abraça. Tem certos preconceitos religiosos, muito íntimos, dos quais se envergonha, mas não consegue libertar-se.

**EGEDAN** — Uma jovem sonhadora e mimada. Cheia de sonhos e ambições romanescas, Bonbons, orquídeas, rendas e plumas: — eis a moldura que ambiciona para a sua pessoa. E' muito egocêntrica, sem deixar de ser boazinha, isto é, não gosta de realizar atos de vandalismo nem maldades, pequenas embora, mas também, prefere ignorar os acontecimentos desse gênero, já que não aspira partilhá-los nem combatê-los. E', enfim, a graciosa heroína de um filme romântico, desenrolado em grandes ambientes luxuosos... Ainda que tais ambientes só conheça por informação. Entretanto, tem boa disposição para a vida prática e não olha embaraços para prosseguir no seu caminho. Há de destruir o aspecto frívolo de sua personalidade e, então, que bela mulher você será...

**BEZINHA** — Você é uma mulher extraordinariamente plúmbea e inabalável nos seus projetos ou resoluções. Não faz conta de preconceitos, nem de comentários que a atingem. E' absolutamente livre, sem ser escandalosa. Caprichosa e hábil, tem vários talentos e recursos para ganhar a vida, sem necessitar dos intelectuais. Sua cultura é pouco extensa mas em compensação sobra-lhe perspicácia e subtileza...

**ANGELA MARIA** — Inteligência e coração abertos às coisas belas da vida você não considera conveniências, nem interesses, que não os de sua consciência limpa e pura. Pensamentos claros, repletos de esperanças e de confiança, sentimento de solidariedade humana perfeito, embora pouco praticado. Formação moral e intelectual das mais cuidadas e felizes. Poderá realizar muito na vida prática, combatendo o obscurantismo medieval que, nos assuntos políticos e sociais, em nossa terra, ainda proliferam. E é da mocidade que devem partir os maiores brados de alerta. Tendência doméstica, servida por esclarecido sentimento de responsabilidade, e por inteligência culta e dilatada.

**"IA"** — Grande espírito, claro e sensível. Senso estético perfeito e grande tendência artística, acentuadamente musical. Energia, tenacidade, ordem, retidão e firmeza de convicções. Positivamente disposta a assumir responsabilidades, não confirma os resultados intencionados pelos princípios pedagógicos em que foi educada, e que procuraram desenvolver-lhe a capacidade de obedecer sempre e ceder sempre ao medo e à praxe. E' capaz de grandes violências, embora aparente uma compleição angelical. Mas é muito sensata e nada tem de satânica.

**FRACAÇO** — Infelizmente a nossa amiga escreveu em papel pautado e assim prejudicou o nosso estudo. Teremos prazer, todavia, em receber nova cartinha sua para retratá-la devidamente. Volte.

Pedimos desculpas as nossas consuintes pela demora em atendê-las. O vulto inesperado da correspondência para esta seção dificultou-nos a agradável tarefa de devassar as almas de nossas queridas leitoras. Que tenham paciência, pois, é o que lhes pedimos. E aguardem a sua vez que não tardará...

## A LETRA REVELA A PESSOA!

Pego um retrato grafológico

Nome .....

Pseudônimo .....

Inclusa uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —



## MAIONESE DE PEIXE

**COZINHE** uma ou mais postas de peixe, batata, cenoura e alguns camarões. Corte tudo como para salada e misture com o molho de maionese. Para o molho misture amassando 6 gemas de ovos crus e uma cozida até ficar o mingau sem nenhum caroço, juntando um fio de azeite até obter a consistência desejada. Em seguida tempere com vinagre ou limão, sal, salsa e cebolinha, picadinhas.

Enfeite o prato com folhas de alface, salca picadinha e camarões cozidos inteiros (descascados).

## PATO COM ARROZ

Corte o pato em pequenos pedaços que depois de temperados vão ao fogo num grande refogado. Pingue água até que amoleça para então por o arroz e a água suficiente para cozinhá-lo.

E' um prato saboroso e suficiente para uma refeição, acompanhado de qualquer legume verde.

## BOLINHOS DELICIOSOS

Amasse bem 6 bananas, 100 gramas de queijo de Minas ralado, 2 gemas, 1/2 colherinha de canela e duas gotas de essência de baunilha. Depois frite na manteiga e envolva em açúcar e canelha.

E' uma sobremesa ligeira e saborosa.

## XII

— Na certa, pensou Landry, tomei a falsa trilha dos carros, e, desta vez, estou vendo à minha direita a vela de Fadette, que deveria estar à minha esquerda”.

Voltou atrás, pelo mesmo caminho, até a Cruz-da-Lebre, da qual fez a volta de olhos fechados, para se desorientar; e, depois de ter reparado bem nas árvores e nas touceiras vizinhas, achou-se no caminho certo, e voltou até ao rio. Mas embora a passagem lhe parecesse fácil, não ousou arriscar mais do que três passos, porque viu de repente, quase atrás d'êlo, a claridade da casa de Fadette, que deveria ficar justamente adiante. Voltou à margem, e essa claridade lhe pareceu estar no lugar que lhe compelia. Retomou a passagem, enviezando em outro sentido, e leve água quase pela cintura. Continuava, entretanto, a avançar, imaginando ter encontrado um buraco, do qual não tardaria a sair, encaminhando-se na direção da luz.

Fez bem em parar, porque o buraco ia ficando cada vez mais fundo, estava mergulhado até os ombros. A água estava muito fria. Ficou alguns instantes indeciso, sem saber se tornaria sobre seus passos, porque a luz parecia ter mudado de lugar, e, de repente, êle a viu mexer, correr, saltitar, passar de uma para outra margem, e finalmente mostrar-se dobrada, espelhando-se na água, onde se mantinha como um pássaro que balança nas asas, fazendo um barulhinho de fervura, como o que produz o petróleo de resina.

Desas vez, Landry teve medo e por pouco não perdeu a cabeça. Já ouvira dizer que não podia existir nada pior nem mais traiçoeiro do que aquele fogo: que êle se divertia em desnortear aqueles que o contemplam, levando-os ao mais fundo das águas, enquanto ria a seu modo e zombava da angústia das pessoas perdidas.

Landry fechou os olhos para não vê-lo, e, virando-se apressadamente, pronto a correr todos os riscos, saiu do buraco e foi ter à margem. Atirou-se, então, na relva, e olhou para o fogo-fátuo que prosseguia seu bailado e seu riso. Era, por certo, uma coisa feia de se ver. Ora voava como um marlim-pescador, ora desaparecia completamente. E, outras vezes, aumentava, ficava do tamanho de uma cabeça de boi, e logo depois pequenino como um olho de gato; e corria para perto de Landry, virava em torno d'êlo tão depressa que o deixava deslumbrado e tonto; e, afinal, vendo que êle se recusava a seguí-lo, voltava para saltitar entre os juncoos, onde parecia zangar-se e dizer insolências.

Landry não ousava mexer-se, porque não fazia fugir o fogo-fátuo

voltando sôbre seus passos. Sabe-se que esse fogo se obstinha em correr atrás daqueles que correm, e que se atravessa em seu caminho até enlouquecê-los e fazê-los cair em algum perigo.

Tremia de medo e de frio, quando ouviu, atrás d'ele, uma vozinha muito doce, que cantava :

— "Foguinho fátuo, foguinho  
Como uma vela a brilhar  
Vou seguindo o meu caminho  
Sem medo de te encontrar".

E logo a pequena Fadette, que se preparava alegremente para atravessar a água, sem mostrar espanto nem temor do fogo fátuo, tropeçou contra Landry, que estava sentado no chão, entre as trevas, e afastou-se blasfemando tal e qual um rapaz e dos mais sabidos.

— "Sou eu, Fadette — disse Landry levantando-se. — Não tenhas medo. Não sou teu inimigo".

Falava assim, porque tinha tanto medo dela quanto do fogo fátuo. Ouvira-lhe a canção e percebera que ela estava esconjurando o fogo fátuo, que dansava e se retorecia como um louco diante dela, como se estivesse muito satisfeito de encontrá-la.

— "Estou vendo, belo gêmeo — respondeu então Fadette, depois de ter hesitado um pouco — que queres me bajular porque estás meio morto de medo, e que tua voz te treme na garganta, tal qual a voz de minha avó. Vamos, coraçãozinho, à noite não se tem tanto orgulho quanto de dia, e aposto que não és capaz de atravessar sem mim".

— "Pois sim — disse Landry — confesso-te que acabo de sair do rio e que quase me afoguei. Vais te arrisear, Fadette? Não temes perder a passagem de pedras?"

— "Ora essa, porque havia de perdê-la? Estou vendo muito bem o que te assusta — respondeu a pequena Fadette, rindo. — Vamos, dá-me tua mão, poltrão: o fogo fátuo não é tão ruim quanto imaginas, e só faz mal àqueles que o temem. Estou acostumada a vê-lo, e nós nos conhecemos".

E, dito isso, com mais força do que Landry imaginava que ela tivesse, puxou-o pelo braço e o levou para a passagem de pedras, correndo e cantando :

"Vou seguindo meu caminho  
Sem medo de te encontrar".

Landry não se sentia mais tranquilo na companhia da pequena feitiçeira do que na do fogo fátuo. Entretanto, como preferia ver o diabo sob a aparência de um sêr de sua espécie do que sob a aparência de um fogo tão sonso e fugaz, não opôs resistência e em breve ficou mais calmo, sentindo que Fadette o guiava muito bem. Ia atravessando o rio a sêco sôbre as pedras. Mas, como ambos andavam depressa e abriam uma corrente de ar ao fogo fátuo, eram sempre seguidos por êsse meteoro, como o chama o professor de nossa terra, que sabe muitas coisas sôbre êsse assunto e afirma que não se deve ter mêdo algum.

## XIII

Talvez a mãe Fadet também tivesse alguns conhecimentos do assunto e ensinasse a neta a nada temer dêsses fogos noturnos; ou então, de tanto vêr dêsses fogos fátuos, pois havia sempre alguns nos arredores da passagem das Roletas, e só por acaso é que Landry nunca os avistara de perto, era possível que a menina tivesse concebido a idéia de que o espírito que os soprava não era máu e só lhe desejava o bem. Sentindo que todo o corpo de Landry tremia quando o fogo fátuo se aproximava, ela lhe disse :

— “Inocente, êsse fogo não queima, e se fosses bastante sutil para manejá-lo, verias que êle nem sequer deixa marca”.

— “E’ pior ainda — pensou Landry — um fogo que não queima, a gente sabe o que vem a ser: é coisa que não pode vir de Deus, porque o fogo de Nosso Senhor foi feito para aquecer e queimar”.

Mas não deu seu pensamento a conhecer à pequena Fadette, e, quando se viu são e salvo na outra margem, teve uma grande vontade de deixá-la de lado, e de fugir para a Bessonière. Mas não tinha um coração ingrato, e não quis deixá-la sem agradecer :

— “E’ a segunda vez que me prestas um favor, Françoise Fadet — disse-lhe êle — e eu não prestaria para nada se não te dissesse que hei de me lembrar disso tôda a minha vida. Eu estava como um louco quando me encontraste: o fogo fátuo tinha me derrubado e enfeitado. Eu nunca teria atravessado o rio, ou então nunca teria saído dêle”.

— “Talvez o tivesses atravessado sem dificuldade nem perigo se não fosses tão tolo — respondeu Fadette. — Nunca imaginaria que um rapagão de teu tamanho, que já anda pelos dezessete anos, e não tarda a ter barba na oara, chorasse com tanta facilidade. Fiquei contente de ter ver assim”.

— “E porque é que você ficou contente, Françoise Fadet ?”

— "Porque não gosto de você" — respondeu ela, num tom desprezivo.

— "E porque é, ainda, que você não gosta de mim?"

— "Porque não o estimo — respondeu ela — nem a você, nem a seu gêmeo, nem a seus pais, tão orgulhosos porque são ricos, e que acham que a gente não faz mais do que o dever quando lhes presta qualquer serviço. Eles ensinaram a você a ser ingrato, Landry, e é o defeito mais feio para um homem, depois do de ser medroso".

Landry sentiu-se muito humilhado com as censuras daquela menina, pois reconhecia que não eram totalmente injustas, e respondeu-lhe :

— "Se eu sou culpado, Fadette, não atribua a culpa senão a mim. Nem meu irmão, nem meu pai, nem minha mãe, nem ninguém de nossa casa teve conhecimento do socorro que você uma vez já me prestou. Mas, agora, eles hão de saber, e você terá a recompensa que desejar".

— "Ah! Você está muito orgulhoso, — continuou a pequena Fadette — porque imagina que, com seus presentes, pode ficar quite comigo. Você acha que eu sou igual à minha avó, que, contanto que lhe dê algum dinheiro, suporta as grosserias e as insolências de todo mundo. Pois bem, fique sabendo que eu não preciso nem tenho vontade de seus presentes, e que desprezo tudo o que venha de vocês, porque você não teve coração para encontrar uma pobre palavrinha de agradecimento e de amizade a me dizer desde que, vai fazer um ano, eu o curei de uma grande aflição".

— "Sou culpado, e já o confessei, Fadette — disse Landry, que não podia deixar de ficar admirado da maneira como a ouvia raciocinar pela primeira vez. — Mas há também muita culpa tua. Não era preciso muita feitiçaria para me fazer encontrar meu irmão, já que acabavas certamente de vê-lo, enquanto eu me explicava com tua avó. E se tivesses realmente um bom coração, tu que dizes que o meu é ruim, em vez de me fazer sofrer e esperar, em vez de me obrigar a dar uma palavra que podia me levar muito longe, tu me terias dito logo: — "Segue pelo prado, e o encontrarás à beira d'água". — Isso não te custaria muito. Mas, em vez de agir assim, tu te divertiste com minha mágua. E foi isso o que diminuiu o preço do serviço que prestaste".

A pequena Fadette, que geralmente, tinha a resposta na ponta da língua, ficou um instante pensativa. Depois disse :

— "Estou vendo que fizeste o possível para afastar a gratidão de teu coração e para te convenceres de que não me devias gratidão alguma, por causa da recompensa que eu tinha exigido. Mas, ainda uma vez o repito, teu coração é ruim, pois não te fez observar que eu nada te recla-

mava e que nem sequer me queixava de tua ingratição".

— "Isso é verdade, Fadette — concordou Landry, que era cheio de boa fé — seu muito culpado; já o tinha compreendido e me envergonhado. Devia ter falado contigo; tive essa intenção, mas amarraste de tal forma a cara para mim, que eu não soube o que fazer".

— "E se tivesse vindo no dia seguinte do caso me dizer uma palavra de amizade, não me terias encontrado de cara amarrada: terias sabido logo que eu não queria pagamento, e hoje seríamos amigos. — Em vez disso, eu agora tenho má opinião a teu respeito, e o que devia ter feito era deixar que te arrumasses sozinho com o fogo fátuo. Boa noite, Landry da Bessonière; vai secar tuas roupas, vai dizer a teus pais: — "Sem aquele grilinho esfarrapado, eu hoje teria bebido uns bons goles de água do rio".

Falando assim, a pequena Fadette deu-lhe as costas e encamionou-se para casa, cantando :

"Aprende, aprende esta lição,  
Landry Barbeau, gêmeo do irmão".

Dessa vez, Landry sentiu como um grande remorso na alma, não que estivesse disposto a ter qualquer amizade por uma menina que parecia possuir mais espirito do que bondade, e cujos modos feios não agradavam nem mesmo áqueles que lhe achavam graça. Mas tinha um coração elevado, e não queria guardar uma falta na consciência.

Correu-lhe atrás e agarrou-a pela capa :

— "Vamos ver isso, Fadette. E' preciso que esta história acabe bem. Estás descontente comigo, e eu próprio não estou muito satisfeito com o que fiz. Dize-me o que desejas, e amanhã mesmo eu te trarei".

— "Desejo nunca mais te tornar a ver — respondeu a pequena Fadette com dureza. — E seja o que fôr que me trouxeres, podes estar certo de que te joga no nariz".

— "Essas palavras são muito duras para se dizer a alguém que oferece reparação. Se não queres presente, há talvez outra forma de te prestar serviço e de provar que eu só quero o teu bem, que nada de mal te desejo. Vamos, diz o que devo fazer para te contentar".

— "Você não saberia me pedir perdão e desejar minha amizade?" — perguntou Fadette, parando.

— "Pedir perdão é demais — respondeu Landry, incapaz de dominar sua allivez para com uma rapariga que não era considerada de acôrdo com a idade que tinha e que nem sempre demonstrava, por não ter o

juízo que devia. — Quanto à tua amizade, Fadette, tens um gênio tão esquisito que eu não poderia confiar nela. Pede-me, portanto, uma coisa que eu possa dar já e que não seja obrigado a te tomar depois".

— "Pois bem! — disse Fadette, com uma voz clara e sêca. — Vou fazer tua vontade, gêmeo Landry. Ofereci meu perdão, mas não aceitaste. Agora, reclamo o que me prometeste, que é obedecer às minhas ordens, no dia em que eu reclamasse. Esse dia não passa de amanhã, festa de Santo-Andoche, e eis o que eu quero: — Dansarás comigo três vezes depois da missa, duas vezes depois das vésperas, e ainda duas vezes depois do angelus. E durante o dia inteiro, desde a hora de levantar até a hora de deitar, não dansarás com mais ninguém, moça ou mulher. Se não o fizeres, ficarei sabendo que há três coisas muito feias dentro de ti: a ingratidão, o medo e a falta de palavra. Boa noite. Espero-te amanhã para abrir o baile, na porta da igreja".

E a pequena Fadette, que Landry tinha seguido até à porta de casa, puxou o trinco e entrou tão depressa, que a porta foi fechada e trancada antes que o gêmeo pudesse responder uma só palavra.

## XVI

E depois, quando a pequena Fadette passava junto dêles, puxavam-na pela manga ou avançavam o pé, para derrubá-la numa rasteira, e havia alguns, entre os mais novinhos e mal educados, que lhe baliavam na abra da touca, fazendo-a virar de uma orelha a outra, gritando: — "Olhem o toucado, olhem o toucado da mãe Dadel!"

O pobre grilo mandou cinco ou seis tabefes à direita e à esquerda; mas isso só serviu para atrair a atenção de seu lado. As pessoas do lugar começaram com cochichos: — "Mas vejam só o nosso grilinho como tem sorte hoje, que Landry Barbeaura tira para dansar a todo instante! E' certo que dança bem, mas não é que está se fazendo de bonita e se empina como um peru!"

E, falando a Landry, alguns disseram:

— "Que é isso, meu pobre Landry? Ela te lançou um feitiço, que só tens olhos para ela? Qu pretendes tornar-te feiçiceiro, e em breve te veremos, levando lobos para pastar nos campos?"

Landry ficou mortificado; mas Sylvinet, para o qual ninguém era melhor nem mais estimável do que o irmão, ainda o ficou mais, vendo-o prestar-se à caçada de tanta gente, mesmo a estrangeiros, que começavam a se meter na história, a fazer perguntas, e a dizer: — "E' um rapagão muito bonito, mas que idéia infeliz de escolher a mais feia de toda a festa!"

Com um ar de triumpho, Madelon foi ouvir todas aquellas zombarias e, sem caridade, disse tambem sua piadinha :

— “Que querem? Landry é ainda uma criancinha, e, nessa idade, desde que se araruje alguém com quem falar, não se faz questão de nada! Tanto faz uma cara de cabrito ou uma figura cristã”.

Sylvinet, então, tomou Landry pelo braço, dizendo-lhe baixinho :

— “Vamos embora, mano, ou teremos de nos zangar: porque estão fazendo troça, e o insulto que lançam à pequena Fadette recai em cima de ti. Não sei que idéia te veio hoje de dansar quatro ou cinco vezes em seguida com ela. Parece que queres cair no ridículo. Acaba com essa brincadeira, por favor. Isso é coisa que só presta para ela, expor-se assim às maldades e ao desprezo do mundo. É só o que ela procura, e é gosto dela; mas não é o nosso. Vamos embora; voltaremos depois do Angelus, e dansarás com Madelon, que é uma rapariga decente. Eu te disse que gostas demais da dança e que isso te faria cometer tolices”.

Landry seguiu-o dois ou três passos, mas voltou-se ao ouvir um grande clamor; e então viu a pequena Fadette, que Madelon e as outras raparigas entregavam às caçoadas de seus pares, e a quem os garotos, estimulados pelas risadas que se ouviam, tinham arrancado a touca com um sóco. Seus longos cabelos negros caíam-lhe nas costas, e ela se debatia cheia de cólera e de desgosto, porque, dessa vez, nada dissera para merecer tantos máus tratos, e chorava de raiva, sem conseguir reaver sua touca, levada na ponta de um páu por um guri atrevido.

Landry reprovou a cena, que lhe pareceu muito má. E, seu bom coração protestando contra a injustiça, agarrou o garoto, tomou-lhe a touca e o páu, com o qual lhe applicou uma boa paulada no trazeiro, e voltou para o meio dos outros, afugentando-os só com sua presença. Tomando o grilinho pela mão, devolveu-lhe o toucado.

A vivacidade de Landry e o medo da garotada fizeram todo mundo rir bastante. Aplaudiam Landry, mas Madelon, fazendo o caso virar contra elle, houve rapazes da idade de Landry e mesmo mais velhos que pareceram rir à sua custa.

Landry tinha perdido a timidez; sentia-se bravo e forte, e qualquer coisa do homem feito lhe dizia que estava cumprindo seu dever ao impedir que maltratassem uma mulher, feia ou bonita, pequena ou grande, que, à frente aos olhos de todos, escolhera como par de dança. Percebeu a maneira como o olhavam, do lado de Madelon, e foi directamente ao encontro dos Aladenise e dos Alaphilippe, dizendo-lhes :

— “E então? Vocês aí, que é que têm para dizer? Se me convém

dar atenção a essa menina, em queé que isso os ofende? E se isso os espanta, porque é que vocês seviram para dizê-lo baixinho? Não estou eu aqui, diante de vocês? Será que vocês não estão me vendo? Disseram, por aqui, que eu era uma criancinha, mas não há aqui um homem ou sequer um menino crescido que o repita na minha cara! Estou esperando que me respondam, e só quero ver se continuarão a molestar a rapariga que esta criancinha aqui escolheu como par”.

Sylvinet não deixara o irmão, e, embora não o aprovasse de provocar aquela briga, estava pronto a sustentá-lo. Estavam ali quatro ou cinco rapazolas, com um palmo de altura a mais que os dois gêmeos; mas, quando os viram tão resolutos, e como, ao fundo, brigar por tão pouco era coisa que devia ser considerada, não sopraram uma palavra e olha-

Mas a pessoa que assim se queixava fez silêncio ao ouvi-lo aproximar-se

— “Quem está chorando por aqui?” — perguntou êle, com a voz firme.

Não lhe responderam uma só palavra.

— “Há por aqui alguém doente?” — perguntou êle ainda.

E, como não diziam nada, pensou em se retirar; antes, porém, quis espiar entre as pedras e os grandes cardos que enchiam o local, e viu em breve, à claridade da lua que começava a surgir, uma pessoa deitada ao comprido no chão, o rosto para a frente e tão imóvel quanto um morto, quer por estar tão mal que fosse incapaz de mover-se, quer por se ter atirado ali, numa grande aflição, e, não querendo ser vista, evitasse fazer um só gesto.

Landry nunca vira nem tocara um morto. A idéia de que talvez fosse um cadáver lhe causou grande emoção; mas dominou-se, porque pensou que devia prestar assistência a seu próximo, e foi resolutamente apalpar a pessoa estendida, que, ao se ver descoberta, levantou-se a meio assim que o viu a seu lado. E então Landry conheceu que era a pequena Fadette.

### XVIII

A princípio, Landry sentiu-se aborrecido de encontrar sempre a pequena Fadette em seu caminho; mas, como ella parecia estar sofrendo, sentiu compaixão. E eis a conversa que os dois tiveram:

— “Que é isso, grilo? Eras tu quem chorava assim? Alguém te bateu e perseguiu ainda, que assim te queixas e te escondas?”

— “Não, Landry; ninguém mais me molestou depois que tão cora-

**NEM** sempre, em outros tempos, a função do diretor teatral teve o caráter que nós reconhecemos hoje através de personalidades como Mayerhold, Gordon Carig, Louis Jouvet, Charles Dullin, Jean Louis Barrault, etc. Conceber e organizar uma determinada ação dramática, no espaço e no tempo, por meio dos elementos cênicos, dirigir e inspirar o trabalho de todos os colaboradores até alcançar, pelo fim da representação, o que se considera uma obra de arte.

No passado — e ainda hoje, muitas vezes — ficava a cargo de cada ator o cuidado de sua atuação cênica, como também a maquiagem, a mímica, a dicção e até o movimento durante a ação. Em suma, era escolhido um ator da companhia — a quem se considerava o mais capaz — para coordenar o trabalho dos vários personagens e atenuar as discrepâncias.

É fácil imaginar o que essa independência do ator tem de perigoso e prejudicial para a

# TEATRO

## Função e Caráter do "Metteur en Scène"

por PABLO DE PALMA

unidade da representação, pois salvo casos de personalidade e cultura excepcionais, a inclinação natural do ator de genera facilmente em rotina, em formas estereotipadas.

Por outra parte, quanto maior seja o valor — psicológico, moral, poético — de uma obra dramática, tanto mais numerosos e delicados serão os problemas de ordem cênica

e interpretativa que suscita. Não há dúvida, pois, que a solução de tais problemas exige conhecimentos de diversa índole e diferente qualidade. Quais são?

Léon Moussinac, o famoso crítico francês de quem tomamos a idéia principal deste artigo, acha que todo "metteur en scène" digno deste nome deve possuir dois tipos de conhecimentos gerais e especiais — em ambos os casos, uns de ordem teórica e outros de ordem prática. No que se refere aos conhecimentos gerais, Moussinac cita, em primeiro lugar, "uma cultura tão extensa quanto possível", que compreenda principalmente "os diferentes meios e modos de expressão da literatura, e das obras representativas dos grandes escritores, especialmente as dos grandes poetas dramáticos. O gênio característico de cada país, ou pelo menos as principais épocas da sua vida literária e, em cada uma delas, os principais escritores, inclusive os críticos, deve merecer a atenção e meditações do "metteur en scène". Quanto maior e mais profundo seja este conhecimento — denominemo-lo — "literário", mais exigente será este e, portanto, mais útil e eficaz". Considera Moussinac indispensável uma intimidade com o assunto quasi familiar, com o teatro antigo grego e romano, o teatro da Idade Média, a "commedia dell'arte" e o teatro da Renascença italiana, o teatro espanhol do Século de Ouro, o teatro elisabethiano inglês, o teatro clássico francês do Século XVII, o teatro moderno europeu desde o romantismo até as escolas modernas, e até mesmo o teatro chinês e japonês, por causa da influência que tiveram sobre determinadas técnicas da cênica ocidental.

Além da literatura em geral e da literatura dramática, Moussinac acredita necessário para a formação do "metteur en scène" o conhecimento de outras artes, a saber: a dança, a música, a arquitetura, a escultura, a pintura, e, também, o cinema.

A dança, porque o ator "se expressa tanto pela mímica, o gesto e o movimento como pelas palavras" e, por conseguinte, a sua arte se origina em parte da dança ao criar a relação teatral necessária entre o texto e a "mise en scène" que concorre para a sua representação".

A música, porque "o seu ritmo, compasso, modos e valores são um dos elementos da "mise en scène" propriamente dita", e porque "na composição cênica, com a evocação de determinadas harmonizações e orquestrações, as regras aparecem com frequência completando as da composição musical".

A arquitetura, "porque a organização do espaço cênico obriga a um conhecimento pelo menos geral da arquitetura" a construção da cena, as suas proporções e ordenamentos obedecem a leis relacionadas com a arquitetura".

A escultura, porque esta "permite captar melhor no espaço a beleza das formas — especialmente a beleza do corpo humano, a expressão do rosto sob a luz apropriada — do movimento e das atitudes fixadas, e faz compreender, por isso, o papel desempenhado pela luz", e porque, na medida em que seja capaz de assimilar esse conhecimento, o "metteur en scène" determinará com mais ou menos felicidade a atitude e o movimento de um grupo de atores ou de determinado ator, em relação com a decoração e o sentido que deve dar-se à representação de uma cena".

A pintura, porque "é um elemento fundamental da representação teatral. A idéia do "quadro" reinou no teatro durante muito tempo e continua subsistindo desde que não seja em detrimento da idéia de "construção". Não obstante, o "metteur en scène" que permanecesse estranho à pintura, também o seria em relação à arte teatral, pois que "a representação de um texto terá em grande parte acentuado o seu valor artístico na medida em que o "metteur en scène" saiba utilizar as cores.

O cinema, porque "a intimidade com este enriquece consideravelmente a sensibilidade de um artista".

Quanto aos conhecimentos especiais, Moussinac menciona em primeiro lugar a teoria e a técnica do teatro, a sua história e a da "mise en scène". Além disso, se o próprio "metteur en scène" não é ator, "deve estudar o trabalho deste tão profundamente quanto seja possível a fim de poder dar ao comediante em todas as circunstâncias, indicações precisas acerca da composição de um papel, e também sobre a dicção, o tom, a maquiagem, o gesto, etc."

Para todos aqueles interessados nos problemas da arte cênica, as opiniões de Léon Moussinac não de constituir, sem dúvida, um tema de meditação altamente sugestivo e proveitoso.

# CINEMA

**FELIZMENTE**, já vão penetrando em nosso mercado cinematográfico os filmes de outras nacionalidades além da americana. Está claro que não vamos discutir aqui o problema do cinema americano, tão nitidamente dividido: cinema arte, cinema negócio. Mas, a vinda de outros filmes nos fará descansar dos "cow-boys", dos "gangsters" e certas americanices exageradas...

Um bom filme americano desta semana foi "Marinheiros do Amor", com Frank Sinatra. Um musical excelente principalmente na música de câmera que o maestro Iturbi rege. O concerto dos pianos é magnífico. Kathryn Grapon e Gene Kelly bons. É um filme agradável sobretudo em sessão de meia noite, inovação que os cines Metros estão lançando com sucesso.

O cartaz maior anunciado para esta semana, é "Mar Verde", com um elenco fabuloso: Spencer Tracy, Katharine Hepburn, Melvyn Douglas e Robert Walker.

Continuou no Parisiense "Os melhores anos de nossa vida", filme já comentado por nós e um dos melhores ultimamente aparecidos.

Mas o grande filme da semana foi incontestavelmente "Na solidão da noite", produção inglesa dirigida por quatro mestres e escrita por quatro romancistas. O filme é uma verdadeira lição de cinema. Nada se perde ali: fotografia, história, personagens, ângulos e som. O tema é a luta entre os que creem no sobrenatural e os que defendem a ciência, explicando através dela todos os fenômenos.

De todas as histórias, a que

mais impressionante é o do trileco. Sua loucura, a vida a viver mais o seu tempo que a sua vida. Um filme impressionante e melancólico; um dos diretores de filme brasileiro de hoje, residente em Los Angeles, Alberto Cavalcanti, que é um diretor brasileiro, colacionados, sem fazer filmes chanchadas ruins de fazer dó. Seu Cavalcanti, você não podia dar um berço por aqui? Só pra gente um pouquinho nosso cinema nacional...

E por falar em cinema nacional: Sai o "Mar Verde"? Onde anda o filme do Roulien?

Os cineastas da "Aventura aos quarenta" não fazem mais nada?

Onde anda esse cinema nacional?

E. M.

## NOSSAS LEITURAS

### LITERATURA

A revista "Literatura" dirigida pelo escritor Astrogildo Pereira acaba de reaparecer em homenagem ao escritor Lima Barreto.

"Literatura" é uma revista de cultura necessária a todos os que quiserem conhecer os aspectos da vida e da produção literária no Brasil.

Nesse terceiro número destaca-se artigo de Lucia Miguel Pereira sobre o autor de "Isaías Caminha".

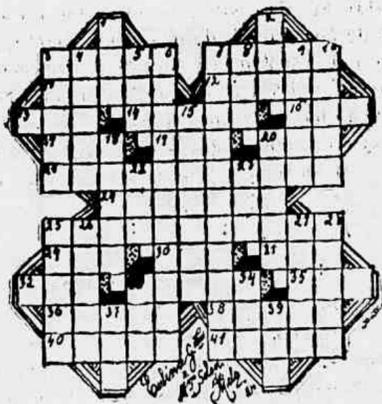
Aconselhamos a vocês, amigas, a adquirir "Literatura" que é vendida em todas as bancas.

## "A MANHA"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quinta-ferino do mundo

## Palavras Cruzadas



### CHAVES HORIZONTAIS:

3 Emagrecer. 7 Cão selvagem da Austrália. 11 Nome de varias especies de cobras. 12 Abrandei. 13 Unidade das medidas agrarias. 14 Antiga cidade da Siria. 16 Raiua. 17 Altar dos sacrificios. 19 Pedra. 20 Ansia. 21 Recompensados. 24 Firmar. 25 Golpe com espada ou sabre. 29 Reboque. 30 Astronomo português. 31 Vale cavado nas montanhas. 32 Romance de José de Alencar. 33 Mistura. 35 Genios das aguas, ninfas. 36 Pertencer. 38 Croque para tirar qualquer coisa do fundo da agua. 40 Apêndice do fêmur que reveste certas sementes. 41 Trabalhar.

### CHAVES VERTICAIS:

1 Ave do Brasil. 2 Espaço de tempo. 3 Arrombar. 4 Chega e vira. 5 Também. 6 Estomago dos ruminantes. 7 Desencostado. 8 Coisa que atrai. 9 Cavidade ornamental em arquitetura. 10 Tonturas de ca-

beça. 15 Celestes. 18 Arvore da familia das Apocineas. 20 Oasis do Saara ocidental. 22 Unica. 23 Rio da França. 25 Ciencia da moral. 26 Padrão monetário do Perú. 27 Homem bravo. 28 Coisa que serve para atormentar. 33 Rancor. 34 Rio da França que se lança no Mediterraneo. 37 Repetição. 39 Marco das portas.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

HORIZONTAIS — 1 Ala; 4 Ema; 7 Amor; 8 Lama; 10 Sani; 11 Neto; 13 Otose; 15 Esmar; 16 La; 17 Atara; 19 Re; 20 Até; 21 Me; 23 Opaba; 25 H; 27 Enora; 29 Ocrea; 31 Lebo; 32 Eaco; 33 Sabe; 35 Mato; 36 Som; e 37 Mao. VERTICAIS — 1 Amuo; 2 Loisa; 3 At; 6 El; 5 Mânia; 6 Amem; 7 Aata; 9 Atar; 10 Sol; 12 Ore; 14 Etapa; 15 Erebo; 21 Mel; 22 Enos; 23 Orobo; 24 Acena; 25 Teoo; 26 Ino; 28 Obas; 30 Rato; 34 Em; e 35 Um.

## NOSSO ROMANCE

Cometemos um erro em nosso número passado deixando de publicar os capítulos XII e XIII do romance "A pequena Fadette". Causas da oficina e da revisão... Desculpem essa falta e para que vocês não percam o entendo e possam depois encadernar o livro (nós daremos as capas) encontrarão hoje os dois capítulos que faltaram. Já no próximo número continuaremos normalmente e tudo o que temos para evitar de futuro erro tão grande.



## Dr. Francisco de Sá Pires

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41  
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

ASSINE A

## Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR  
Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 13.º - Rio de Janeiro  
Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro a "TRIBUNA POPULAR"), na importância de Cr\$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses), da "TRIBUNA POPULAR".

Nome ..... Endereço .....

Município ..... Estado .....

## DRA. ADALZIRA BITTENCOURT

ADVOGADA

RUA 13 DE MAIO, 23 — 18.º ANDAR

Salas 1804/6 — Fone: 32-6648

## Curso de corte, costura e trabalhos manuais de "Momento Feminino"

PREÇO POPULAR

Curso noturno para operárias e empregadas domésticas a Cr\$ 10,00 mensal

Tratar com Julienne

De 9 às 13 horas

RUA ANITA GARIBALDI, 5 - Copacabana

# Modas

## NO RIO



Os nossos modelos desta semana são dedicados à mulher carioca em tôdas as horas de seu labor. Setembro começou com alternativas de calor e falso inverno. Por isso os vestidos apresentam a linha do inverno em tecidos de sêda. Os movimentos estão na largura das saias que já não são tão curtas, nos bolsos enormes ou nas abas em roda simulando costumes. A linha permanece bem simples — botões e fazenda bastam para as mais elegantes confecções.

Os ombros continuam largos e as mangas por enquanto devem ser compridas.

Guardem os nossos modelos se pretendem os moldes que prometemos.

Côres discretas: — azul fumaça, beije rosado, verde pistache; cinza pérola; amarelo palha; creme e branco marfim.



Côres vivas: — vermelho púrpura; verde bandeira; azul ferrete; amarelo ouro e coral.

Os tecidos em nylon ainda não chegaram ao Rio. Em Paris já estão em todas as peças do vestuário. São mais duráveis, mais práticos e mais econômicos.